Almanaque Antirracista

para Profissionais da Educação

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA

meninas empoderadas pelo esporte

F.1

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA
meninas empoderadas pelo esporte

F.1_Ver_ p. 106

F.2

Almanaque Antirracista
para Profissionais da Educação

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA
meninas empoderadas pelo esporte

Um programa de

ONU MULHERES

International Olympic Committee

Parceira implementadora

EMPODERA

F.2_Ver_ p. 106

Almanaque Antirracista
para Profissionais da Educação

Realização | Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres – ONU Mulheres Casa das Nações Unidas no Brasil

Complexo Sergio Vieira de Mello SEN Quadra 802 Conjunto C, Lote 17, Bloco B – Prédio Lélia Gonzalez 70800-400 – Brasília/DF

Representante do Escritório Brasileiro | Anastasia Divinskaya

Coordenação | Empodera: Beatriz Akutsu, Fernanda Garcia, Jane Moura, Thaís Olivetti, Yasmin Freitas.
Desenvolvimento: Raissa Vieira Gomes da Cruz Sobral
Revisão Técnica e Textual | ONU Mulheres: Gabriela Bastos, Olga Bagatini e Raíssa Vitório Pereira
Design e Diagramação: Samtiago e Érika Luna

© 2022 ONU Mulheres. Todos os direitos reservados.

Este material, Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação, é um desdobramento das discussões do Grupo de Trabalho de Práticas Antirracistas, realizado em setembro de 2020 pelas facilitadoras e professoras de educação física do Programa Uma Vitória Leva Outra, um programa da ONU Mulheres em parceria com o Comitê Olímpico Internacional, com a implementação da Empodera.

As opiniões expressas nesta publicação são individuais e não representam necessariamente as perspectivas oficiais da ONU Mulheres, das Nações Unidas ou de suas organizações vinculadas.

Sumário

Apresentação 06
1. Raça x Racismo 07
2. Reconheça o racismo 13
3. Colorismo 20
4. O racismo e suas representações na sociedade 27
4.1. Violência contra as meninas e mulheres negras 28
4.2. Racismo na escola 32
4.3. Racismo no esporte 35
4.4. Racismo no mercado de trabalho 38
4.5. Racismo na política 45
4.6. Desigualdade racial 49
5. “Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista” 53
5.1. Afinal, o que é antirracismo? 54
5.2. O racismo é apenas um problema da pessoa negra? 55
5.3. Identidade Negra 57
5.4. Representatividade 61
5.5. Reconheça o privilégio branco 65
6. Direitos (Leis e ações afirmativas) 68
7. Como tem sido sua atuação? 80
Notas de Rodapé 97
Nota das ilustrações 106
Referências Bibliográficas 109

F.3_Ver_ p. 106

Apresentação

Olá!

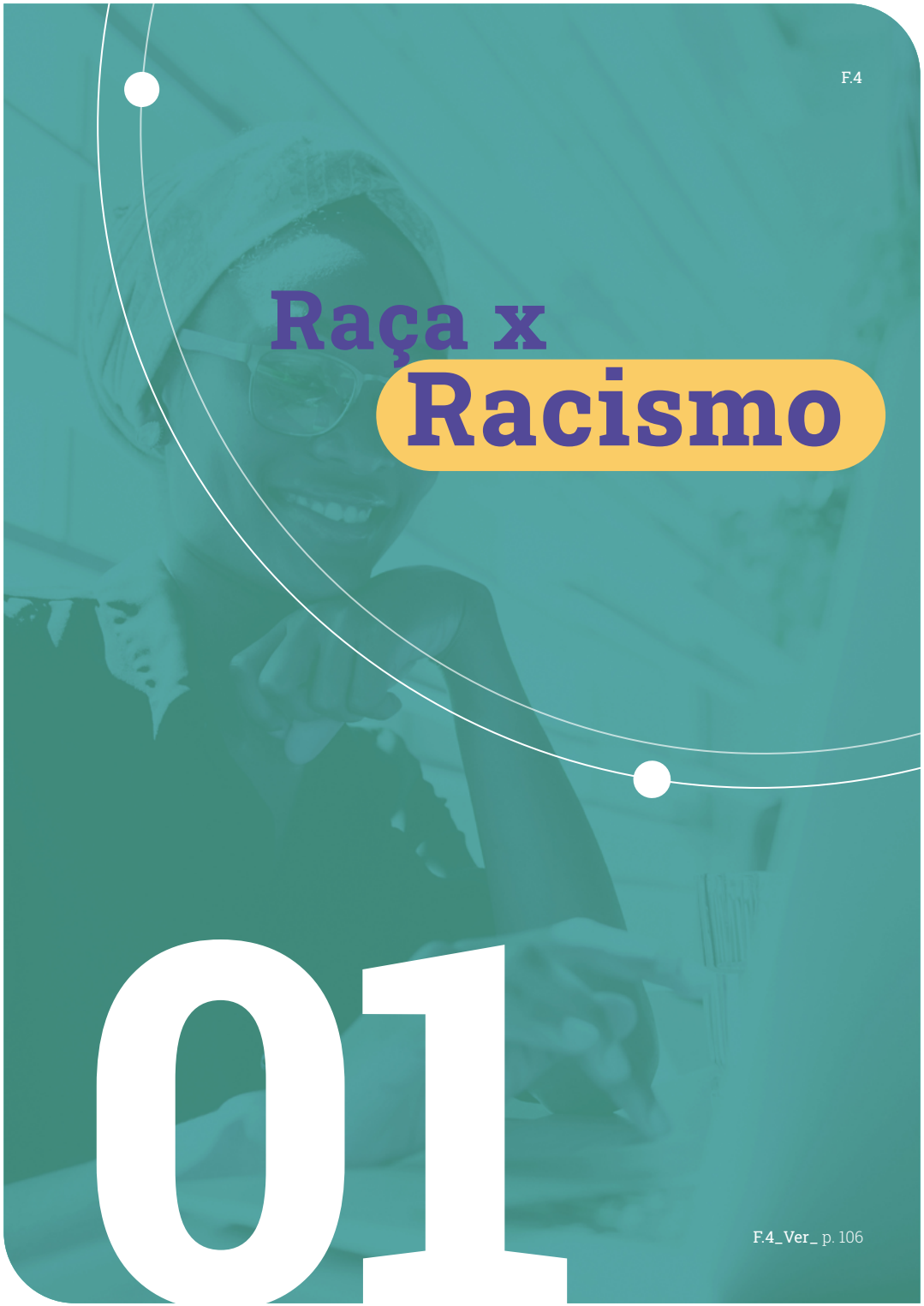
Temos o prazer de apresentar para você o **Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação do Programa Uma Vitória Leva à Outra (UVLO)**. Este almanaque surgiu a partir dos encontros e discussões entre as facilitadoras e professoras de educação física envolvidas no programa Uma Vitória Leva à Outra (UVLO) sobre questões relacionadas ao racismo. Nesses encontros, foi debatido como o racismo se estabelece e se institui nas vidas das participantes do programa e das educadoras, em especial as mulheres negras, que, por ocuparem espaços de liderança ao ficar à frente da implementação, já colocam em prática o antirracismo.

Com o objetivo de debater sobre as questões étnicos-raciais, esse almanaque traz pontos de reflexão para que possamos criar estratégias de enfrentamento ao racismo.

Não existe receita de bolo para a prática antirracista, porém existem caminhos para estabelecer a **equidade e a igualdade racial**[1] e lidar de forma mais justa quanto a esse assunto.

O almanaque também é um guia para sensibilizar as pessoas de um problema que nos cerca diariamente e que muitas vezes passa despercebido. Informe-se! Conhecimento é poder. Compreenda o seu lugar na sociedade. Busque refletir de forma crítica sobre a forma que navega nos espaços da sociedade a partir do seu lugar e passe a agir de forma consciente com atitudes antirracistas.

1_Ver_ p. 98



Raça x Racismo

01

F.4_Ver_ p. 106

1
RAÇA X RACISMO

Para compreender o racismo, é preciso entender o **conceito de raça**[2] que, historicamente, é utilizado como uma forma de classificar algo ou alguém. Ao longo do século XVI, o conceito de raça passou a ser utilizado para diferenciar e categorizar seres humanos, estando ligado, também, a conflitos econômicos e políticos da sociedade ao redor do mundo[3].

Apesar da categoria raça não existir na biologia, esse conceito ganhou status social, hierarquizando alguns grupos em relação a outros, implicando, assim, em uma relação de poder[4]. Tais relações forjaram o **racismo**, um sistema que discrimina pessoas baseado em sua raça, inferiorizando um determinado grupo em relação ao outro, gerando valores desiguais dentro da sociedade de forma violenta.

Preconceito racial[5] é quando atribuímos **determinados comportamentos** a algum indivíduo de um grupo específico, **criando estereótipos**[6] sobre esse alguém. Achar que toda negra brasileira sabe sambar ou que todo homem negro é forte são estereótipos que estão relacionados à cor de pele de um indivíduo, e isso gera o preconceito racial, seja consciente ou inconsciente.

Já a **discriminação racial**[7] se dá conforme membros de determinados grupos são ignorados e/ou rejeitados por conta da sua condição étnica/racial. Você já sentiu um tratamento diferente por conta da sua religião, por exemplo, ou tratou alguém de forma diferente pelo mesmo motivo? Essas são situações de discriminação - **discriminar significa distinguir, discernir, diferenciar.**

Tratar pessoas negras (pardas e pretas) ou de qualquer outro grupo específico (árabes, asiáticos, judeus, etc.) de maneira injusta e/ou desigual por conta da sua origem ou cor da pele caracteriza uma atitude de discrminação racial.

Tais termos têm suas diferenciações, porém não será por conta disto que um será menos importante que outro. Entendê-los é essencial para que se tenha uma melhor compreensão de como o racismo irá se manifestar.

O racismo se insere de diversas formas em nosso cotidiano. Quantas vezes escutamos que o racismo está enraizado no Brasil? Ou é dito que o racismo está em todo lugar? Essas frases não são apenas "achismos". De fato, o racismo impregnou nossas vivências, atitudes, poder, economia, formas de tratamento, jeito de pensar e fazer política, ou seja, toda a estrutura social. Podemos compreender como isso acontece por meio das três concepções de racismo[9], são elas:

Racismo individualista:

Esta concepção não admite a existência do racismo, reduzindo-o a ações ligadas diretamente ao comportamento daquele que está causando a violência, ou seja, direcionando o racismo às ações de um único indivíduo ou grupo. Isso acontece quando, por exemplo, estabelecimentos se recusam a atender pessoas negras (ou de outras etnias[10]). Também poderá ser manifestado por frases como "não sou racista, até tenho amigos negros" e "somos todos iguais", que negam a condição racial imposta ao povo preto. Outros exemplos são os xingamentos como "macaco", "nega do cabelo duro", entre outros.

Racismo institucional:

A base desta concepção está relacionada ao poder que grandes instituições têm sobre a política e a economia da sociedade, contribuindo para a normalização do racismo. Manifestado de forma mais sutil que o anterior, o racismo institucional é direcionado a toda comunidade negra e pode ser notado pela precariedade dada a serviços destinados a esta população. CPor exemplo, enquanto há uma redução progressiva de casos de violência contra mulheres brancas, há um aumento desses números contra mulheres pretas. Isso mostra o racismo institucional na formulação dos mecanismos de política pública no tema, que não se atentam ou ainda conscientemente desconsideram a realidade das mulheres pretas. O sistema penitenciário também reflete isso tanto para mulheres quanto para homens, mantidas as devidas proporções: mulheres pretas compõem a maior parte da população carcerária feminina.

Racismo estrutural:

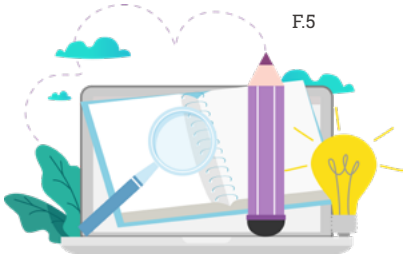
Esta concepção nos ajuda a compreender que o racismo não é apenas algo individual ou em grupo, mas parte de uma estrutura social que julga o que é apropriado ou não, de valor ou não, a partir da cor de pele, normalizando injustiças. Essa lógica permite que o sistema racista seja viável, criando desigualdades raciais, políticas, econômicas e jurídicas, que inferiorizam a pessoa negra desde o Brasil colônia.

11_Ver_ p. 99

> **O racismo institucional** existe e atua dessa forma nas vidas das pessoas negras porque existe o racismo que foi estruturado ao longo do final do século XIX até o que a gente presencia hoje.
>
> **(Drª Maria Sylvia de Oliveira, 2019)**

F.5_Ver_ p. 106

F.5

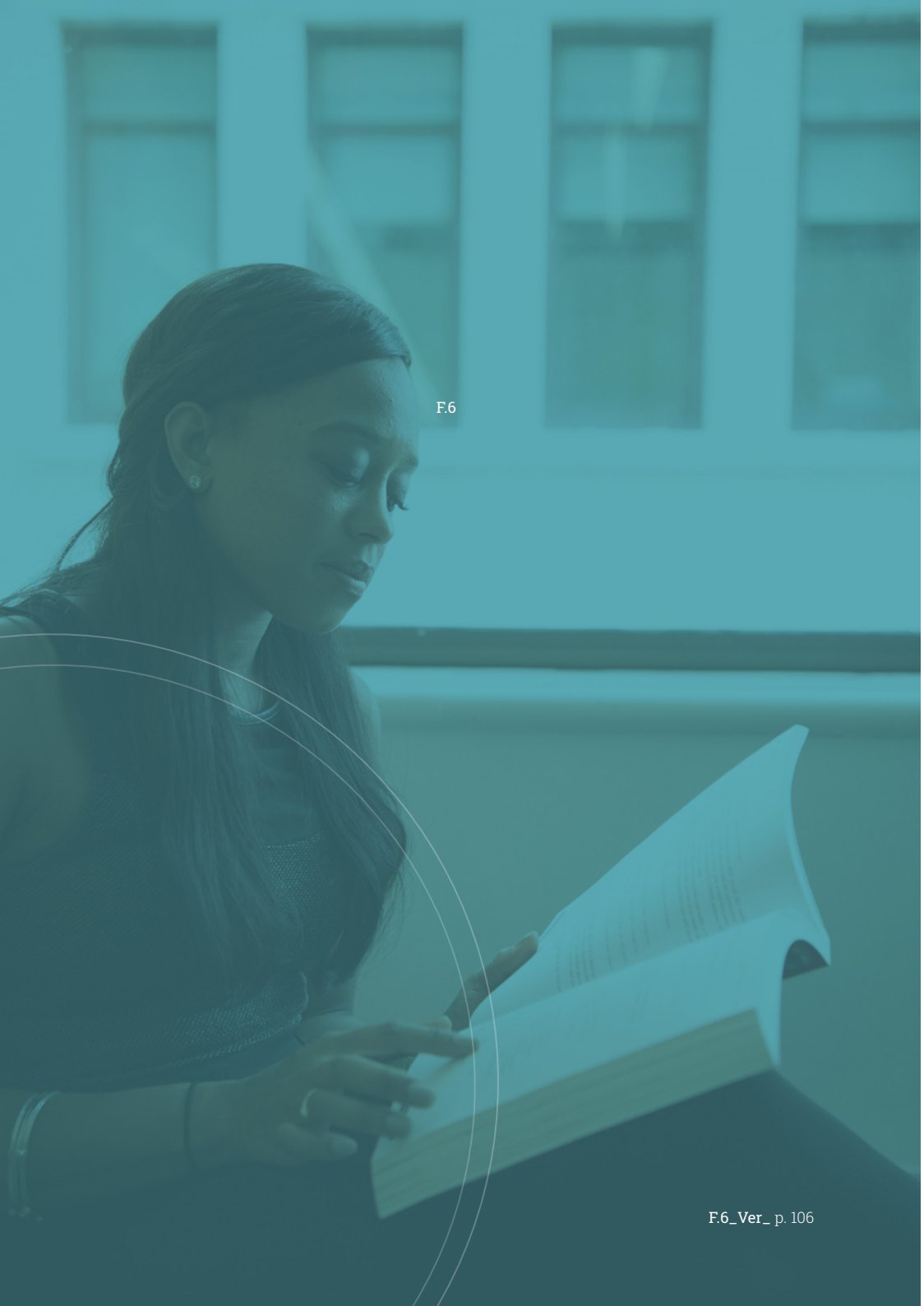


Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

Essa frase é da **Drª Maria Sylvia de Oliveira**, advogada, dita por ela no vídeo **"Entenda o que é racismo estrutural"**, do Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3wvGj8D

Para aprofundar e compreender melhor o tema, sugerimos a leitura do livro **"Racismo Estrutural",** de Silvio de Almeida, 2019.



F.6

F.6_Ver_ p. 106

F.7

Reconheça o Racismo

02

F.7_Ver_ p. 106

2
RECONHEÇA O RACISMO

Para que a prática antirracista seja posta, é preciso **reconhecer o racismo dentro de suas concepções**, enxergando onde nós o reproduzimos no dia a dia ou como compactuamos com práticas racistas institucionalizadas.

A partir da colonização das Américas, que no Brasil foi exploratória, pessoas africanas de diversas etnias foram retiradas de suas terras e escravizadas em todo território nacional, sendo tratadas como objetos. Dessa forma, o corpo negro foi desumanizado e, mesmo quando liberto, não recebeu nenhum tipo de indenização pelo trabalho forçado (racismo institucional), que pudesse garantir uma melhor qualidade de vida nessas novas condições[12].

Após uma série de movimentos abolicionistas e pressões externas, finalmente foi concretizada a libertação dos escravizados por meio da Lei Áurea em 1888 (na imagem a seguir podemos ver um trecho da Lei). A libertação não foi conduzida da melhor forma pelo Estado, que não previu a garantia de direitos básicos, como acesso à moradia, educação, trabalho e saúde para esta camada da população que até então era enquadrada somente no papel de servidão.

A notícia de que a escravidão havia sido finalmente abolida foi se espalhando pelas províncias do Brasil e foi motivo de muita festa. Queimaram-se fogos de artifício e, por noites seguidas, as fachadas das casas e das repartições públicas foram iluminadas (Schwarcz et al, 2019)

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888.

Declara extinta a escravidão no Brasil.

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1°: É declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2°: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.

Princeza Imperial Regente.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA

Este texto não substitui o publicado na CLBR, de 1888

Carta de lei, pela qual Vossa Alteza Imperial manda executar o Decreto da Assembléia Geral, que houve por bem sanccionar, declarando extincta a escravidão no Brazil, como nella se declara.

Para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Império.- Antonio Ferreira Vianna.

Transitou em 13 de Maio de 1888.- José Júlio de Albuquerque

Fonte: BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3wdKSoY

12_Ver_ p. 99

Os ocorridos após a Lei Áurea (1888), também conhecida como **"O dia seguinte"**[13], criaram grandes expectativas para a população negra da época. Para as pessoas libertas era tempo de reivindicação, principalmente por melhores condições de trabalho, como a diminuição nas horas de trabalho na lavoura e a remuneração diária e/ou semanal, além do anseio de possuir terras. Os ex-senhores viram tais exigências como ingratidão e desobediência, fazendo com que o controle sobre os libertos crescesse, o que consequentemente levou ao aumento da repressão a aqueles que negassem a subordinação. Esta atitude, mais uma vez, serviu para conter a população negra que precisava, ainda mais naquele momento, criar possibilidades e buscar opções para sua existência e sobrevivência.

Além disso, o país também passava por um período de mudanças visando a sua modernização, o que afetou a economia. Com isso, os governantes viabilizaram, junto a fazendeiros, uma forte imigração de pessoas europeias que seriam contratadas como substituição da mão de obra escrava. Para a elite da época, as pessoas europeias seriam mais esforçadas e se adequariam melhor ao que chamavam de "novos tempos", **"nova economia"**[14]. Essa visão exclui as pessoas negras, já que não as vêem como uma força de trabalho potente.

Fonte: O dia seguinte ao fim da escravidão. https://goo.su/IimE Acesso em: 29/05/2022

Nessa transição do trabalho escravo para o trabalho europeu, ainda é reforçada em nosso imaginário que essa substituição se deu por conta da incapacidade e inatividade das pessoas negras escravizadas. Contudo, a maior parte das pessoas desse grupo já eram livres e libertas naquela data. Ao longo de todo o século XIX, muitas lutaram por sua liberdade jurídica mediante ações de liberdade e de processos de negociação com seus antigos senhores.[12]

O sentido de liberdade para as pessoas negras de então se abrangia ao estado de autonomia, que significava ter um pedaço de terra para cultivar, juntar dinheiro com algum trabalho - nos termos de hoje chamamos de trabalho informal ou "bico"-, ou ainda construir uma família. Ou seja, nada disso tem a ver com a falta de capacidade ou atividade justificada para dar serviço às pessoas imigrantes europeias. Isso ajudou a construir a noção de superioridade dos corpos brancos e inferioridade dos corpos negros.

F.8

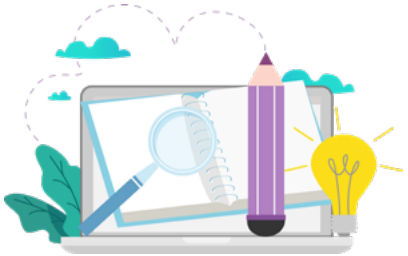
13_Ver_ p. 99

12-14_Ver_ p. 99 / F.8_Ver_ p. 106

Tal noção reverbera até hoje, permitindo consolidar uma estrutura que decide qual é o corpo superior e o inferior, quem irá deter o poder, o que valorizar e qual história contar. Não é por acaso que acontece o apagamento. histórico imposto às pessoas africanas sequestradas de sua terra e nem a omissão que é colocada sobre a história da escravidão no Brasil. É por meio do conhecimento de nossa própria história que o racismo poderá ser percebido, reconhecido e combatido.

Valorizar a identidade negra que molda a cultura do país é **reviver o que um dia se encontrou apagado.** Não é possível negar a negritude existente nas tradições brasileiras. A pessoa negra não foi só escravizada, ela foi realeza, inventora, professora, cultivou suas terras e compartilhou seus saberes ao manter e reinventar sua identidade. Para além do reconhecimento do racismo, é preciso reconhecer a contribuição das pessoas negras para a multiplicidade do país.

> A gente tá falando de origem. **É na origem e no orgulho** que a gente muda uma situação como essa.
>
> **(Raquel Dias, 2018)**



Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

Essa frase é de **Raquel Dias**, Coordenadora Geral de Relações Étnico-Raciais do Ministério da Educação no período em que o vídeo foi gravado. Seu relato foi retirado do vídeo **"A ESCRAVIDÃO não é FAKE NEWS!"** Canal Preto, 2018.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3LfJ9nm

F.9_Ver_ p. 106

3
COLORISMO

O termo colorismo[15] (ou pigmento-cracia) foi utilizado pela primeira vez pela ativista Alice Walker (1982) para informar a população que, quanto mais escura for a sua cor de pele, mais preconceitos e discriminações raciais essa pessoa vai sofrer.

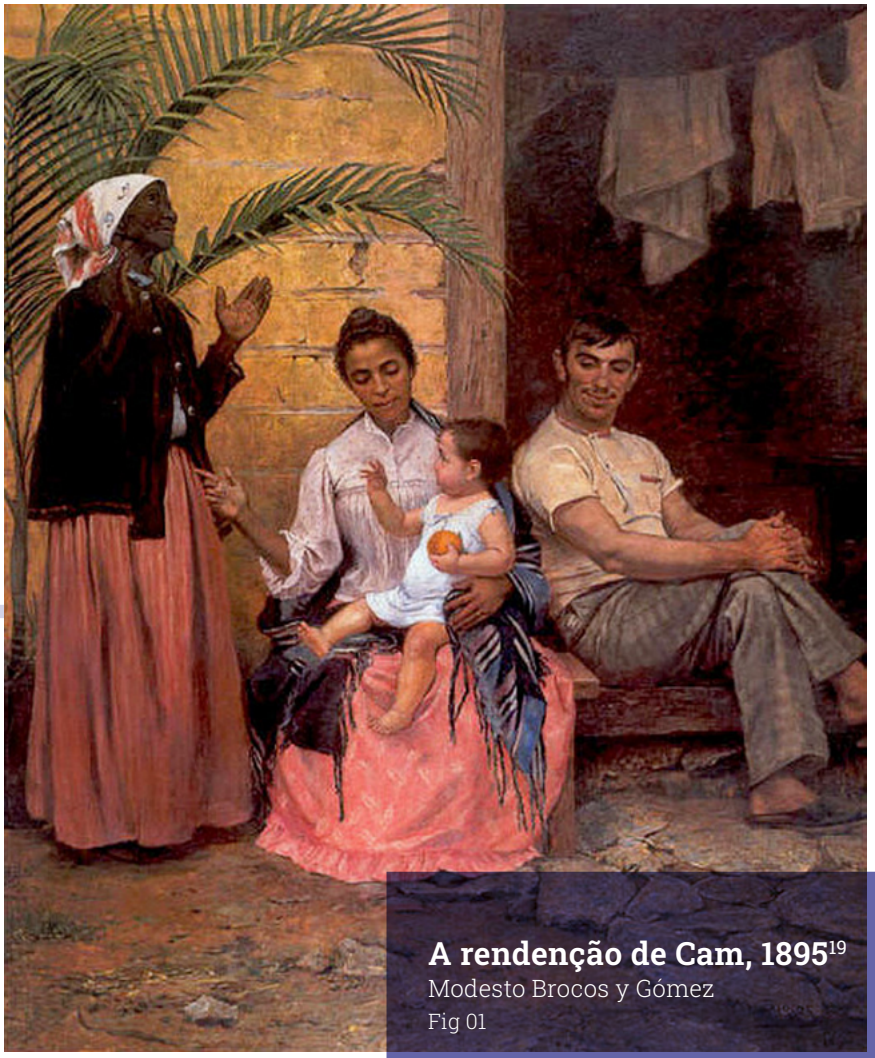
Isso significa que, em função das diferentes tonalidades de pele dentro de um mesmo grupo racializado, as pessoas terão diferentes tratamentos. Essa distinção de tratamento será vista nas esferas sociais, políticas e econômicas[16].

Essas distinções de tratamento dentro dessas esferas são tão fortificadas que muitos negros acabam fugindo da sua identidade, tentando se aproximar da cor mais clara que detém maiores privilégios[17].

Essas diferenciações causam questionamentos quanto à identidade das pessoas que passam por isso, já que são muito claras para serem negras ou muito escuras para serem brancas. A miscigenação é algo evidente em nosso país e as diferentes tonalidades de pele encontradas entre negros e brancos se dão por conta disto. Admitir o colorismo é dar à luz a diversidade e ao autoconhecimento.

Após a Lei Áurea, foi colocada em pauta a "construção de uma nação e identidade nacional"[18], a qual deveria ser predominantemente branca. Com isso, para alguns membros da elite brasileira, uma população composta majo-ritariamente por pessoas negras iria atrapalhar a construção deste ideal (branco).

15_Ver_ p. 99
16/18_Ver_ p. 100



A rendenção de Cam, 1895[19]
Modesto Brocos y Gómez
Fig 01

Nesse cenário, a política de branqueamento ganhou força com o intuito de diminuir a quantidade de pessoas pretas em relação às brancas. Acreditava-se que, após algumas gerações, as pessoas, frutos da relação entre pretos e brancos, nasceriam com a pele mais clara.

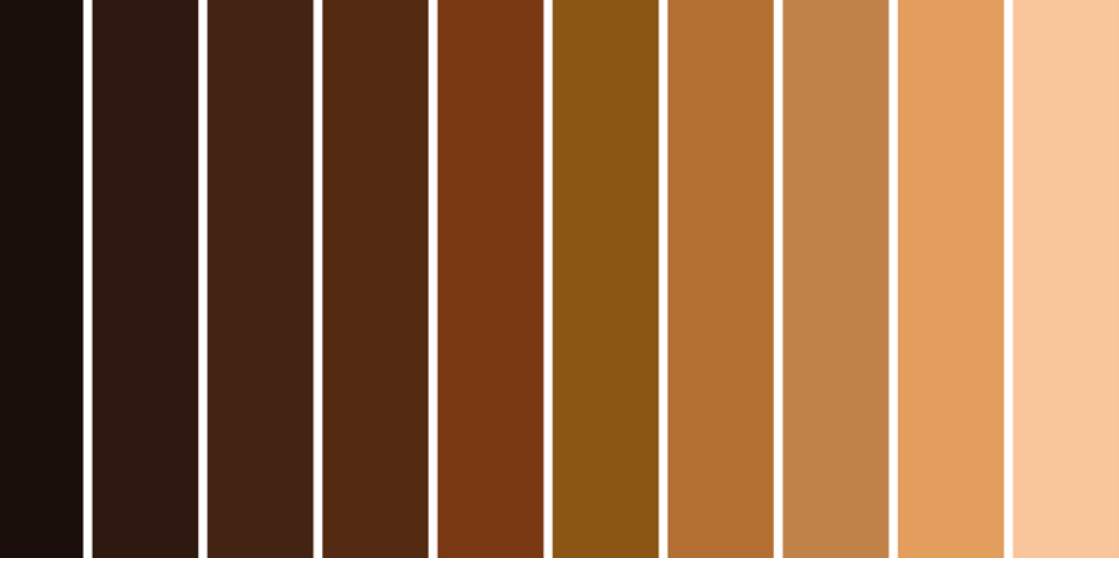
Na imagem da página anterior(Fig_01), podemos observar essa situação: a mãe preta, o pai branco e a avó preta agradecendo pelo neto branco aliviada, o que evidencia a lógica atribuída ao colorismo que irá ditar que, quanto mais escura a pele for, **maior o preconceito e as discriminações raciais que serão marcadas no corpo.**

A política de embraquecimento surge como solução de um problema que busca limpar o excedente negro do país, ao mesmo tempo que alavanca uma série de oportunidades para as pessoas brancas, dando a elas o poder de exercer toda e qualquer função de forma positiva, sem que se questione sua qualidade por conta de sua cor. A teoria do embranquecimento é

F.10

19_Ver_ p. 100

F.10_Ver_ p. 106



F.11

falha, pois atualmente somos um dos países mais miscigenados do mundo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza a categoria raça/cor para classificar a população, com isso foram criadas as categorias amarela, parda, branca, indígena e preta. Sendo que parda e preta fazem parte da mesma categoria: negra. Essa categoria totaliza mais da metade da população, ou seja, o Brasil é um país de maioria negra. **A autodeclaração racial** é uma das técnicas utilizadas pelo IBGE pela qual as pessoas se identificam racialmente escolhendo entre as cinco categorias citadas acima. Outra técnica também utilizada pelo IBGE e por comissões em alguns concursos e universidades é a **heteroidentificação**, que é um procedimento complementar à autoidentificação e que envolve a percepção social de outras pessoas sobre aquela autoidentificada. A heteroidentificação tem como objetivo aferir e corrigir qualquer autodeclaração equivocada[20].

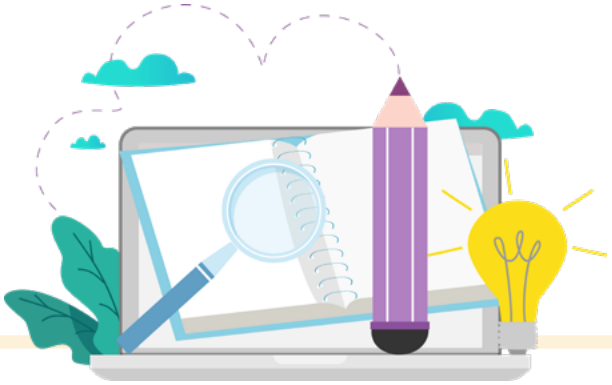
Entre as mais diversas tonalidades de pele negra, o racismo irá se apresentar dentro de suas concepções. E aqui vale ressaltar que no Brasil nossa negritude e/ou branquitude é aferida a partir de fenótipos, fenótipos e pelas características sociais, e não só pela ascendência.

Por exemplo, quando se diz **"se a minha avó é negra, eu também sou!"**, não necessariamente é assim. É importante entender que o racismo também é manifestado em função dos fenótipos (exemplo: espessura dos lábios e textura do cabelo) e por conta de marcadores sociais da diferença. Esses marcadores estabelecem lugares distintos para os sujeitos dentro da estrutura social, determinando quais pessoas serão marcadas pela diferença - como as mulheres e as pessoas negras - e aquelas que não serão marcadas - como os homens e "pessoas brancas"[21], não se limitando apenas às questões raciais, como as de gênero e classe. Devemos estar atentas/os à nossa autodeclaração para não invisibilizar as pretas e pretos e suas lutas. Um exemplo deste impacto está ligado às fraudes das cotas raciais, quando alguém se autodeclara como parda/o ou negra/o por ter um membro da família negro, como foi o caso da influencer digital branca que admitiu ter passado por uma faculdade pública por cota racial[22].

> **Nós, aqui no nosso país, sofremos numa época colonial essa busca por embranquecimento** para que houvesse essa limpeza, que obviamente não ocorreu, e estruturalmente isso também ficou, e parece que até os dias atuais as pessoas veem dessa forma, que ainda há essa necessidade de que se busque que as pessoas mais claras tenham melhores oportunidades de emprego, de vida, de trabalho e de relacionamentos.
>
> **(Aline Guedes, 2021)**

20_Ver_ p. 100 / F.11_Ver_ p. 107

21-22_Ver_ p. 100



Se liga, mergulhe no assunto!

A frase da página anterior é da **Aline Guedes**, professora/pesquisadora/home chef, que no vídeo **"Colorismo - você sabe o que é?"** do Canal Preto, 2021, introduz o tema a fim de explicar como o conceito se dá no contexto brasileiro.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://goo.su/Pv2KtTm

O racismo e suas representações na sociedade

04

F.12_Ver_ p. 107

4.1

O RACISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE

Violência contra as meninas e mulheres negras

As mulheres negras são a base da pirâmide social, sendo as últimas a serem ouvidas, enxergadas e, sobretudo, respeitadas[23]. Não é à toa que a frase da ativista Ângela Davis ficou tão famosa: "quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela"[24].

Além disso, mulheres negras sofrem uma série de desigualdades, de gênero, raça, classe, corpo, entre outras. Desde o Brasil colônia, as mulheres negras são desumanizadas, invisibilizadas, hiperssexualizadas e objetificadas, tendo o seu corpo dominado pelos senhores de engenho e, assim, sendo violentadas.

A violência contra as mulheres persiste ao longo dos tempos, independente de sua cor. Em 2015, entrou em vigor a **Lei do Feminicídio** que, segundo o Atlas da Violência de 2021[25], é **"um tipo específico de homicídio doloso, cuja motivação está relacionada aos contextos de violência doméstica ou ao desprezo pelo sexo feminino"**. No que se refere a esse tipo de crime, as mulheres negras são as maiores vítimas.

Já no período pós-colonial, o acesso à educação foi dificultado para a população negra, colocando as mulheres numa situação de

23/25_Ver_ p. 100

F.13

impossibilidade de ascensão social. Apesar disso, a mulher negra se transformou no que é chamado de ganhadeira, ou seja, mulheres libertas e/ou ainda escravizadas (o que gerava condições diferenciadas) que ganhavam o seu próprio dinheiro por meio de trabalhos como: doméstica, quitandeira, lavadeira, costureira, entre outros[26]. Dessa forma, a mulher negra do século XIX já ganhava as ruas para sustentar o lugar em que ia dormir, comer, manter sua família, etc., buscando e obtendo sua independência. A invisibilização deste aspecto de resistência dessas mulheres contribui para o seu apagamento, que também é uma forma de violência.

Ao pensar na saúde da mulher negra também nos deparamos com um cenário violento. Os estereótipos acerca da estética negra contribuem para discriminações, como aquelas que ocorrem em consultas médicas, onde a pessoa negra é destratada por conta da sua cor ou por estar

26_Ver_ p. 100 / **F.13_Ver_** p. 107
27_Ver_ p. 101

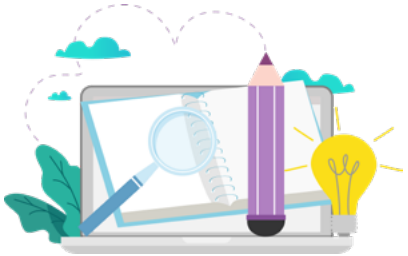
utilizando tranças e dreadlocks - que fazem parte da cultura afro - como se fosse algo ruim e não apropriado, que não condiz com o ambiente hospitalar[27].

Além disso, também podemos exemplificar o preconceito racial existente no âmbito da saúde por meio da crença de que mulheres negras são fortes e não sentem dor. Essa atribuição dada ao corpo negro vulnerabiliza a mulher negra durante a gravidez e no trabalho de parto, uma vez que há relatos de médicos que deixam de anestesiar mulheres negras ou não levam em consideração suas reclamações de dores, por exemplo. Esse tipo de violência é chamada de **racismo obstétrico**[28].

Além disso, os estereótipos impostos às meninas e mulheres negras hipersexualizam seus corpos e ajudam a reproduzir o racismo que as desumaniza, inferioriza e as condiciona à subalternidade.

A representação da mulher negra nas grandes mídias auxilia na construção dos estereótipos incumbidos ao corpo negro, uma vez que os reforça e contribui para a sua estruturação. É importante que tais violências sejam evidenciadas para que, assim, sejam percebidas, denunciadas, confrontadas e reestruturadas. Dessa forma, as meninas negras terão um futuro não só de resistência e sobrevivência, mas, sim, de existência.

> **A minha história** me credencia com uma força, cara, que eu não queria ter outra coisa, eu não queria ser nada diferente do que eu sou. Eu queria ter um pouco mais de sossego dentro da minha condição, para a minha cabeça funcionar melhor, mas é só.
>
> **(Márcia Short, 2019)**



Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

Essa frase é da **Márcia Short**, cantora, compositora e atriz, que no vídeo **"O que é ser mulher negra?",** Especial Dia Internacional da Mulher do Canal Preto, 2019, fala sobre a mulher negra.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3yDLWUM

28_Ver_ p. 101

4.2_Racismo na escola[29]

Por vivermos em uma sociedade racista, nos deparamos com situações de racismo nos mais variados ambientes. Na escola, podemos perceber como o sistema opera desde as professoras, passando pelas alunas e por toda a comunidade escolar.

O corpo docente deve estar atento às situações de racismo que surgem no ambiente escolar. Deixar "passar batido" ou não repreender atitudes racistas apenas ajudará a reproduzir e normalizar os preconceitos e discriminações. O diferencial é a ação que será tomada a partir do acontecimento.

Ao conversar sobre questões raciais com estudantes, é comum comparar e até mesmo confundir racismo com **bullying**. Ambos podem afetar negativamente a saúde mental e física de quem os sofre, porém é importante compreender a diferença entre eles. Assim, podemos identificar e tomar as medidas corretas para cada caso. A seguir, apresentamos as definições:

Bullying:

São ações repetidas, sistematizadas, que causam transtornos aos envolvidos. O bullying também é um tipo de violência, logo, deve ser combatido dando o devido suporte à vítima, estimulando as testemunhas a intervir ao observar essas situações, além de identificar o agressor[30].

Racismo recreativo:

Projeto de dominação que utiliza de forma encoberta a cultura do humor por meio da hostilidade racial[31].

O racismo é um crime violento do qual a vítima jamais esquecerá, uma vez que tal ato desumaniza o corpo negro. Chamamentos como "sua macaca", "cabelo de bombril", entre outros, inferiorizam e violentam a vítima, além de serem normalizados. Como desconstruir algo tão naturalizado? A resposta que surgir para essa pergunta ajudará as educadoras em sua prática.

Outro ponto importante é ir além dos livros didáticos que contam a história das pessoas negras do Brasil, resumida à tristeza e à violência. É importante valorizar a cultura negra para que sua humanização sequestrada pelo racismo seja resgatada. Além disso, faça com que a identidade negra da sua aluna/o seja vista positivamente e a/o ajude a construir a sua autoestima.

Colocar em prática a LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, não é um dever apenas das disciplinas de história e sim de toda grade curricular escolar. Se apropriar desta Lei irá contribuir diretamente no posicionamento antirracista buscado por pessoas educadoras, afinal de contas, a Lei é objetiva quanto aos estudos que devem ser abordados: História da África e das pessoas africanas, a luta das pessoas negras no Brasil, a cultura negra brasileira e as pessoas negras na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil[32].

Compreender o racismo nas mais diversas dimensões auxilia na sua identificação. Em uma época onde a informação chega às/aos jovens de forma quase instantânea, é preciso esclarecer (ou no caso, escurecer) os fatos. Não deixe que representações de racismo fiquem sem punição. Trate do assunto para além do mês da **Consciência Negra**.

Estude, informe-se sobre o racismo e compartilhe essas informações com o corpo docente do local em que atua e, principalmente, trabalhe a sua identidade racial.

> **Rendimento escolar tem a ver com afetividade.** Não se discute IDEB[33] sem discutir racismo. Não se discute avanço educacional sem trabalhar a autoestima da criança negra."
>
> **(Benilda Brito, 2019)**

Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

Essa frase é da **Benilda Brito**, Pedagoga e Mestre em Gestão Social, que no vídeo **"O racismo é perigoso na educação das crianças"** do Canal Preto, 2019, fala sobre a educação antirracista na escola.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3yLBSci

E para compreender melhor leia o livro **"Superando o racismo na escola"**, 2001, organizado pelo professor Kabengele Munanga.

4.3_Racismo no Esporte[34]

Pelo fato de o racismo ser estrutural, o esporte é mais um dos espaços em que ele se manifesta: na invisibilidade dada às mulheres negras pioneiras; nos insultos racistas gritados pelas torcidas de futebol, nos casos de racismo que a mídia insiste em dizer que são isolados.

Historicamente, os esportes eram destinados às elites, sendo praticados apenas por homens. Com o passar do tempo, a prática esportiva foi se tornando popular, incluindo os homens negros e as mulheres.

Melânia Luz foi a primeira mulher negra a participar de uma delegação olímpica brasileira, em 1948, compondo a equipe de atletismo, que conquistou grandes resultados. Porém, a pioneira mais famosa é Maria Lenk, mulher branca e primeira brasileira a participar dos Jogos Olímpicos, na modalidade da natação em 1932.

Apesar dos avanços, os casos de racismo no esporte infelizmente persistem até hoje. Em 2014, o goleiro Aranha foi vaiado e chamado de "macaco" pela torcida do Grêmio. O atleta denunciou o clube, que apesar das ofensas terem sido registradas em câmera, ainda assim o culpabilizou pelo crime, argumentando que ele teria provocado os torcedores[35].

É importante sinalizar o papel da mídia nas situações de racismo, pois ela tem poder para minimizá-las a mais um caso "isolado".

Visto que, após 300 anos de escravidão, nossa sociedade se estruturou tendo o racismo como alicerce, como tais casos poderiam ser isolados? Devemos estar atentas/os a essas falácias e trazer os relatos à tona como fonte de denúncia, debates e reflexões.

Além disso, podemos pensar quais são os corpos que têm acesso a certas modalidades esportivas consideradas elitizadas, como tênis e natação.

Ainda que, de modo geral, o esporte tenha se popularizado, sua prática ainda é restrita a lugares específicos, que muitas vezes podem ser privados, aumentando os níveis de exclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que em sua maioria são mulheres negras.

Historicamente, meninas e mulheres recebem menos apoio para iniciar ou dar continuidade a alguma modalidade esportiva. Quando permanecem, ainda são alvo do racismo, como o caso da atleta da seleção francesa de futebol, chamada Wendie Renard.

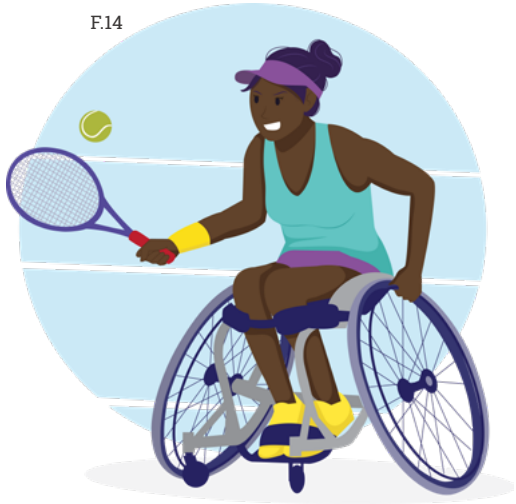
Na Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019, Wendie foi vítima de ofensas racistas, como "preta do cabelo duro", entre outras violências.

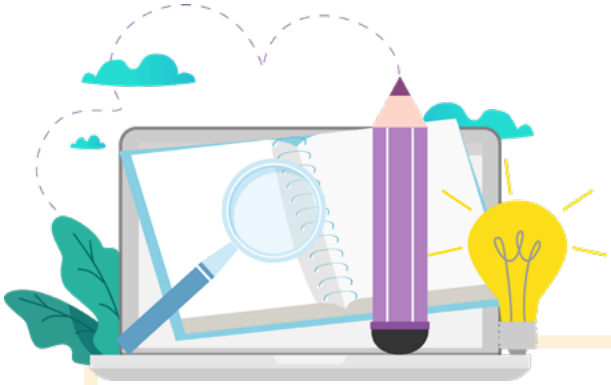
É importante ressaltar que racismo não é bullying. Além disso, inferiorizar alguém por conta de seus fenótipos se configura como racismo.

O racismo é um crime. O racismo é violento e agride física e psicologicamente quem o sofre, seja por ações diretas ou indiretas sobre o corpo negro, diariamente. Esteja atenta/o.

> A gente precisa de um olhar **muito mais crítico** para a situação e de um combate muito mais efetivo.
>
> **(Angelo Assumpção, 2021)**

F.14





Se liga, mergulhe no assunto!

Esta fala é do **Angelo Assumpção** para o Canal Preto retirada do vídeo intitulado **"Racismo no Esporte",** 2021. Nesse vídeo, o atleta campeão mundial de ginástica em 2015 relata como o racismo afetou sua vida.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3sCFoC0

F.14_Ver_ p. 107

4.4_Racismo no Mercado de Trabalho

As mulheres foram fortemente afetadas pela pandemia da COVID-19 no mercado de trabalho. Uma grande parcela delas perdeu sua ocupação, seja no trabalho formal, seja no informal. Só para citar um exemplo, de todas as mulheres pretas, 19,8% perderam sua ocupação em 2020, além de terem passado por diversas dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Fonte:
DIEESE. Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho - 3º trimestres de 2019 e de 2020[36].
Disponível em: https://bit.ly/3Li1SyR

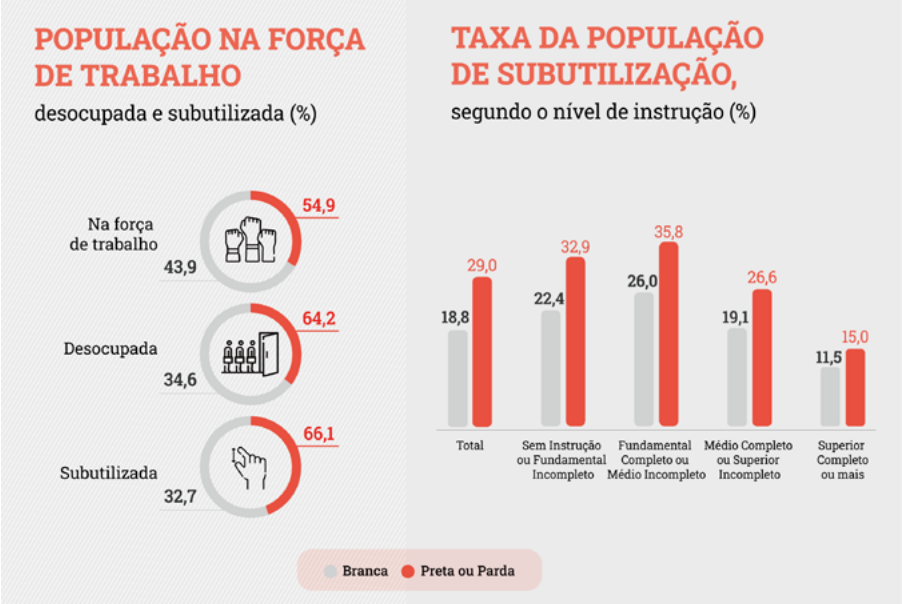
Quando alteramos a ótica e focamos nas mulheres negras, a taxa de desocupação no mercado de trabalho aumenta, fazendo delas a parcela da população mais prejudicada. Podemos também perceber uma disparidade nos rendimentos quando comparamos mulheres negras e não negras, ou seja, a diferença de lucro entre esses grupos, os serviços prestados e as remunerações obtidas também se mostram desiguais.

Fonte:
DIEESE. Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho - 3º trimestres de 2019 e de 2020[37].

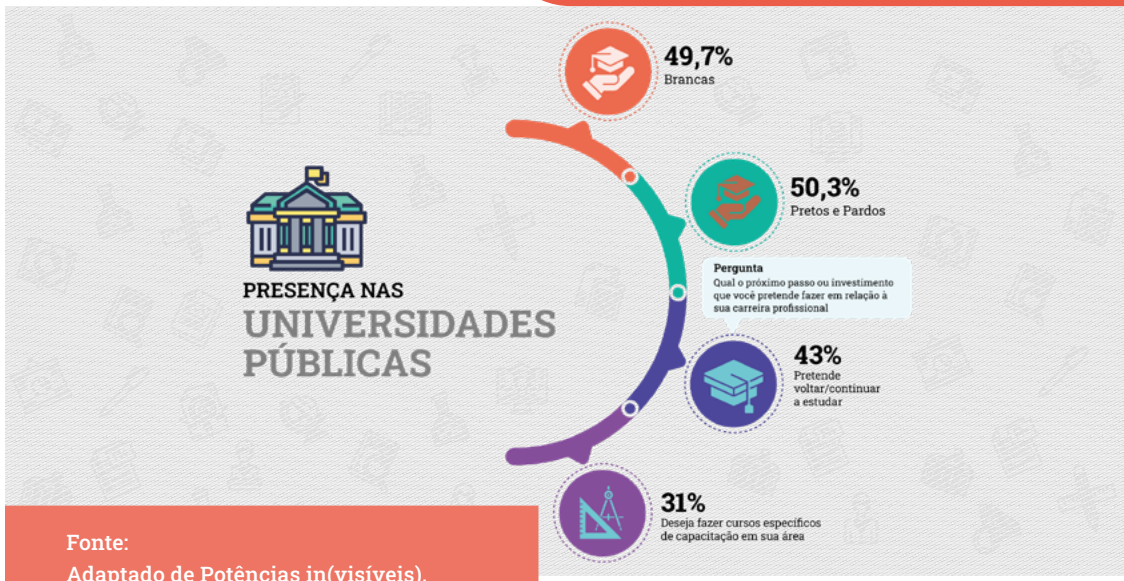
36_Ver_ p. 102

37_Ver_ p. 102

Além disso, a desigualdade também se dá entre as pessoas escolarizadas. Mesmo com a mesma qualificação profissional, a remuneração das mulheres negras, se comparada com a das brancas, é, em média, mais baixa. Além disso, ainda que consigam uma maior qualificação, as mulheres negras terão empregabilidade tardia ou nula no mercado formal. É importante considerar que, para as mulheres negras, o acesso ao ensino superior envolve, ainda, mais dificuldades. Um dos motivos do abandono escolar entre as meninas e mulheres negras é a busca por trabalho, uma vez que se faz necessário auxiliar na renda familiar.



Fonte:
DIEESE. Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho - 3º trimestres de 2019 e de 2020[38].



Fonte:
Adaptado de Potências in(visíveis),
por Box 1824 e IndiqueUmaPreta, 2020.

A força de trabalho brasileira é composta em 54,9% por pessoas negras. Ainda assim, esse mesmo grupo é o que está mais desocupado e subutilizado. A exclusão no mercado de trabalho e as condições precarizadas colocam o corpo negro em situação de vulnerabilidade, que é naturalizada em cargos não valorizados com baixos salários.

O racismo institucional influencia a desigualdade racial encontrada no mercado de trabalho. Segundo a pesquisa "Potências (in)visíveis[39]", existem quatro tipos de barreiras, que impedem maior presença de mulheres negras no mercado de trabalho que foram estruturadas por meio de mitos para reproduzir o racismo? Um dos mitos diz que a mulher negra não tem capacidade suficiente para concorrer às vagas de emprego mais valorizadas pela sociedade. Então, já que não se espera que ela faça um "trabalho bem feito", quando isso acontece, é sempre uma surpresa. A presença de pessoas pretas e pardas no ensino superior é um dos muitos exemplos que prova que esse mito é uma mentira..

38_Ver_ p. 102

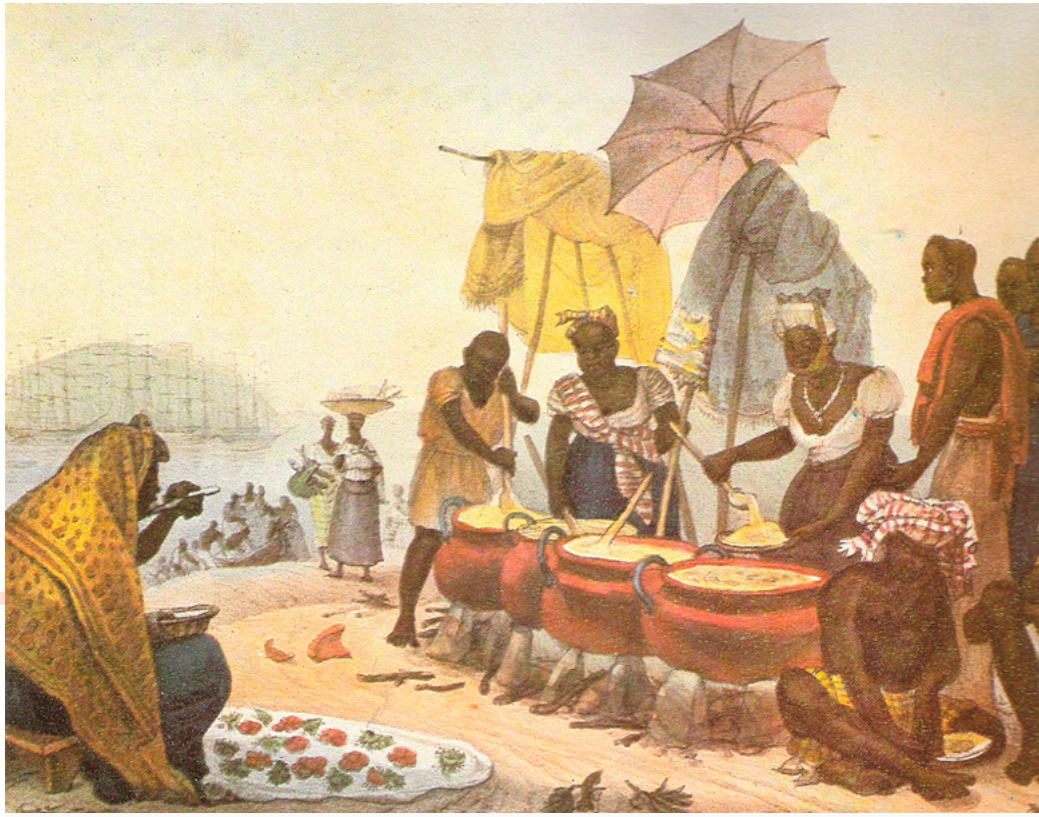
39_Ver_ p. 102

Desde o período colonial, a mulher negra vem se estabelecendo como uma das forças de trabalho mais atuantes do país. Mesmo invisibilizadas, essas mulheres têm criado alternativas alternativas para suas fontes de renda, mostrando-se verdadeiras **"empreendedoras"**[40].

O trabalho autônomo, neste contexto, não é uma escolha, e sim a saída encontrada para a criação de renda dessas mulheres, tendo em vista a dificuldade de conseguirem **empregos formais.**

Vale colocar também o impacto causado nas micro e pequenas empresas pela pandemia do COVID-19 neste segmento, ainda mais quando ampliamos a discussão envolvendo o recorte racial. Segundo um estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2021, "as desigualdades, por assim dizer, são o desaguadouro da combinação complexa de desvantagens materiais e de uma hegemonia estrutural branca que afeta as capacidades pessoais e a autoconfiança de grupos sociais estigmatizados".[42]

Na imagem da página seguinte são retratadas duas mulheres ("empreendedoras") vendendo seus quitutes, com o auxílio de um rapaz (que pode ser interpretado como seu funcionário). Essa organização percebida na imagem se assemelha a uma logística administrativa empresarial que contribui com a economia e com o mercado de trabalho. A diferença é que essa mesma força de trabalho foi invisibilizada, o que faz com que as mulheres da imagem sejam vistas como negras escravizadas e não como mulheres negras em potência. Enxergar a negritude e seus saberes como geradores de renda é dar força a mais da metade da população que detém a força de trabalho do país.



Negras cozinheiras vendedoras de angu
de Jean Baptiste Debret (1768-1848)[43]
Fig 02

> Quando você olha os negros e fala "não, não tem potencial", você está falando que o Brasil não tem potencial, porque a gente tá falando de mais da metade da população brasileira.
>
> **(Flávia Oliveira, 2020)**

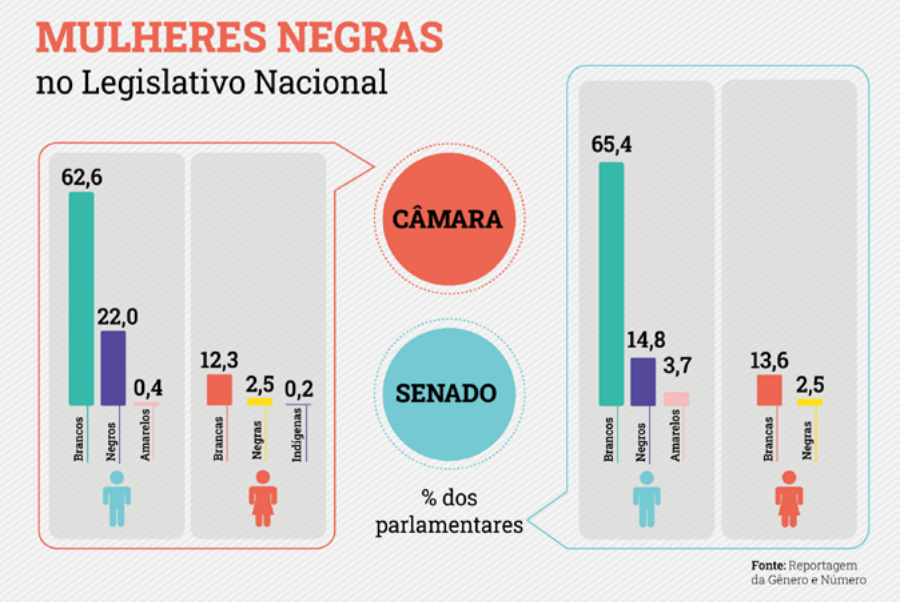
Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

Essa frase é da **Flávia Oliveira**, jornalista e podcaster do "Angu de Grilo", que no vídeo **"Especial dia do trabalho"** do Canal Preto, 2020, fala sobre a empregabilidade da pessoa negra brasileira.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3Mlr2h9

4.5_Racismo na Política[44]

O racismo rege os padrões organizacionais da sociedade e, como um sistema estruturante, também irá se fazer presente na política, espaço com pouca representatividade de mulheres negras que, na Câmara dos Deputados e no Senado, representam apenas 2,5% dos parlamentares.



Fonte:
Adaptado de Elas no Congresso, Revista AzMina[45].

A baixa representatividade de pessoas negras na política tem como consequência a falta de políticas públicas voltadas para essa população. É preciso adentrar com a vivência dos corpos negros numa sociedade racista para que possamos dar luz a uma política que busque a equidade racial. No entanto, esse trabalho não é isolado, pois os representantes não-negros eleitos também precisam estar atentos às demandas da população negra, que atualmente configura mais da metade da sociedade brasileira.

Quando pensamos na equidade de direitos sociais, econômicos e políticos entre homens e mulheres, ou seja, feminismo, é necessário pensar nas protagonistas dessa história para que haja uma mudança significativa. No século XVIII, os primeiros movimentos feministas – chamada primeira onda – estavam centrados nas experiências das mulheres brancas: o direito ao voto para as mulheres da elite e o direito ao trabalho. Porém, o início do movimento feminista não englobou a realidade vivida pelas mulheres negras. Enquanto as mulheres não-negras lutavam para que pudessem trabalhar e votar, tendo a garantia de exercer seu direito à cidadania, as mulheres negras já trabalhavam e lutavam pelo reconhecimento de sua humanidade, já que, no século XVIII, a lógica escravocrata ainda pairava como padrão legal. A partir desse fato, fica evidente que o movimento feminista não pode ser contado somente do ponto de vista de uma única história ou apenas considerando as questões de gênero. Ele deverá, sobretudo, alcançar outras questões, como as raciais e de classe, que aglutinam a mulher negra.

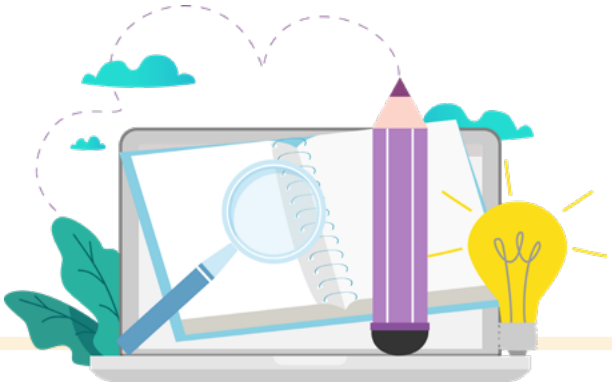
Por isso, ressaltamos a importância de ter mulheres negras no poder[46], pois sua luta pela equidade não será motivada apenas pelo fator gênero.

Mesmo que o "gênero" seja crucial para as mudanças, é importante pensar a partir do feminismo negro, que coloca em pauta as diversas violências cometidas contra o corpo negro, centralizando a mulher negra no debate sobre política e o fazer político. Para além de maior presença de mulheres negras na política, é preciso que essas mulheres sejam donas de sua própria trajetória e tenham o poder para exercer seu protagonismo.

> **Eu não tenho tantos colegas negros**, eu posso dizer que eu tenho um, dois ou três. Mas, aqui no Fórum, temos 90 varas. Na zona sul, nós temos 20. Onde estão os nossos servidores negros, nossos colegas negros?".
>
> **(Maria Aparecida, 2019)**

Fonte: Mulheres Negras no Poder:
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ezFMDrWue0

46_Ver_ p. 103



Se liga, mergulhe no assunto!

Esse relato é da **Maria Aparecida**, diretora de secretarias do TRT (Tribunal Regional do Trabalho) de São Paulo, que no vídeo **"Mulheres NEGRAS no PODER"** - Canal Preto, 2019, fala um pouco de sua trajetória ocupando um espaço de poder[47].

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3NjLHCi

47_Ver_ p. 103

4.6_Desigualdade racial

As desigualdades sociais e econômicas existentes no Brasil dão a ilusão de que as diferenças de tratamento, de qualidade de vida e de cidadania entre pessoas negras e pessoas brancas ocorrem por meio de um único viés, a classe social. Porém, além de enfrentar as desigualdades na dimensão social e econômica, as pessoas negras também passam pela desigualdade racial, que tem a cor da pele como marcador das diversas injustiças postas a meninas/os, mulheres e homens negros.

O mito da democracia racial contribuiu com o imaginário de que no Brasil a igualdade racial existe plenamente[48]. Esse mito se dá por uma noção de harmonia construída pelo racismo velado que, como vimos, está instaurado individualmente, institucionalmente e estruturalmente. De acordo com a pesquisa "Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil" (IBGE, 2019), as condições de vida entre pessoas negras e pessoas brancas no país são díspares.

F.15

48_Ver_ p. 103 / F.15_Ver_ p. 107

Mercado de trabalho 2018

Cargos Gerenciais

Taxa composta de subutilização (1)

Branco
Preto ou Pardo

(1) Soma dias, populações, subocupação por insufiência, horas desocupada e força de trabalho potencial.

Distribuição de renda e condições de moradia | 2018

Pessoas abaixo das linhas de pobreza

	Branca	Preta ou Parda
Inferior a US$ 5,50/dia	15,4%	32,9%
Inferior a US$ 1,90/dia	3,6%	8,8%

Violência

Taxa de homicídio, por 100 mil jovens (2)

	Total		
Branca	34,0	63,5	5,2
Preta ou Parda	98,5	185,0	10,1

Educação

Taxa de analfabetismo (3)

	Total		
Branca	3,9%	3,1%	11,0%
Preta ou Parda	9,1%	6,8%	20,7%

(2) Pessoas de 15 a 29 anos de idade

Representação política

Deputados Federais eleitos | 2018

Branca e outras	Preta ou Parda
75,6%	24,4%

(3) Pessoas de 15 anos ou mais de idade

Fonte:
Adaptado de IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Numa sociedade onde a democracia racial ainda é considerada uma realidade, então não deveriam existir diferenças tão grandes em relação às condições essenciais para a vida, como educação, moradia e trabalho para pessoas brancas e negras, certo?

Para que a equidade e a igualdade raciais sejam alcançadas, é importante desconstruir a mentira da democracia racial e abrir os olhos para combater ações que promovam as desigualdades raciais que acabam reproduzindo o racismo.

> Toda e qualquer forma de desigualdade não ocorre apenas em função de atos materialmente discriminatórios... A desigualdade racial também é propagada, é reproduzida por atos que não tem nenhuma natureza discriminatória."
>
> **(Adilson Moreira, 2019)**

Se liga, MERGULHE NO ASSUNTO!

As afirmações do trecho ao lado foram ditas por **Adilson Moreira**, Escritor e Professor Doutor pela Universidade de Harvard em Direito Antidiscriminatório no vídeo **"Entenda o mito da democracia racial"**, Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3MiDL4d

Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista

05

5

NÃO BASTA NÃO SER RACISTA, É PRECISO SER ANTIRRACISTA

5.1_Afinal, o que é antirracismo?[49]

O antirracismo é uma postura adotada para enfrentar o racismo, seja ele individualista, institucional e/ou estrutural. Para isso, reconhecer o racismo é fundamental, e é tomando essa posição que se dá o primeiro passo para a prática antirracista.

Dizer frases como "somos todos iguais", "não existe racismo no Brasil", ou ainda, "não vejo cores", não contribui para a prática antirracista. Como discutido anteriormente, biologicamente e de acordo com os direitos humanos, somos todos iguais. Porém, o racismo é um problema social que separa uns dos outros, afetando toda a sociedade, logo, não podemos afirmar que vivemos em condições de igualdade.

Enxergar nossas diferenças é essencial para construir nossa identidade e, assim, respeitá-la. Da mesma forma que uma pessoa negra deve olhar para sua negritude e, a partir dela, desenvolver sua identidade racial, as pessoas brancas devem reconhecer sua branquitude.

É necessário entender que não existe receita de bolo e também que não é preciso esperar o seu amigo preto ou sua amiga preta dizer algo para colocar o antirracismo em prática.

F.18

49_Ver_ p. 103 / **F.18_Ver_** p. 107

F.19

5.2_O racismo é apenas um problema da pessoa negra?

Ora, se o racismo se apresenta em diversas concepções, não é possível que o protagonismo deva ser exclusivo das pessoas negras. Pessoas brancas devem entender seu papel no enfrentamento ao racismo, compreender as desigualdades postas, ser protagonista da sua conduta, reconhecer seus privilégios dentro da sociedade racista e se comprometer em não reproduzir práticas racistas.

Por estarmos inseridas/os numa sociedade estruturada racialmente, não estamos ilesas/os de cometer qualquer ato racista, preconceituoso ou discriminatório. Esse fato deve ser levado em conta para que a identificação de situações e ações racistas sejam ainda mais evidentes e **deixem de ser reproduzidas.**

F.19_Ver_ p. 107

> O sistema do país, infelizmente, ainda é racista e eurocêntrico.
>
> **(Raquel Dias, 2019)**

Se liga, mergulhe no assunto!

Essa frase foi dita por Raquel Dias, Coordenadora Geral de Educação de Relações Étnicos Raciais (MEC/2019), no vídeo **"Você está sendo RACISTA e não sabe",** do Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3PwEiBU

5.3_Identidade Negra

Como você construiu sua identidade? Como e quando você se tornou negra(o)? Pessoas negras, antes mesmo de terem a chance de refletirem sobre isso, desde cedo já são apontadas pelos outros como tal, o que as força a se racializar desde muito jovens.[50]

Isso se dá pela representação social hegemônica constituída pela sociedade que convencionou um padrão eurocêntrico[51] como normal e o estabeleceu como superior. Com isso, se cria um padrão ideal hegemônico: o homem, branco, cisgênero, heterossexual e cristão, que por conta dos valores positivos atribuídos a ele, é condicionado a uma série de privilégios. Tudo que se distancia dessa representação eurocêntrica, que não cabe dentro destes marcadores, é tido como errado, é visto de forma negativa, coisificado, desumanizado e excluído socialmente.

Meninas e mulheres negras passam por esse processo constantemente. Consolidado pelo padrão de beleza exposto na TV – propagandas, novelas, filmes e seriados – as pessoas pretas são apresentadas passando fome e dependentes de doações para se **alimentar**, por exemplo, enquanto figuras positivas de família e de alto poder aquisitivo, boa escolaridade e bom emprego são representadas por pessoas brancas. Estes são exemplos que facilmente assistimos na mídia e diante dos quais não nos quesitonamos o porquê destes corpos ocuparem sempre a mesma posição.

A naturalização desses marcadores sociais sobre esses corpos contribui para a homogeneização dessas representações sociais. Isso impõe a permanência do ideal europeu e impacta diretamente sobre como os corpos das pessoas são lidos socialmente e como elas são entendidas como sujeitos. Tal atribuição é equivocada, já que identidade é algo permanentemente mutável, que tem como significado o conjunto de características pertencentes a algo ou alguém.[52]

50-51_Ver_ p. 103
52_Ver_ p. 104

Os processos de inferiorização, de retirada da humanidade e imposição à subalternidade incorporados ao negro prejudicam a construção da sua identidade. É comum que, após esse processo, o corpo negro queira se distanciar de suas características fenotípicas (formato dos olhos, nariz e boca, tom da pele, textura do cabelo, entre outros) através de procedimentos estéticos, como o alisamento do cabelo ou clareamento da pele. De acordo com o estudo Identidade negra entre exclusão e liberdade (2016):

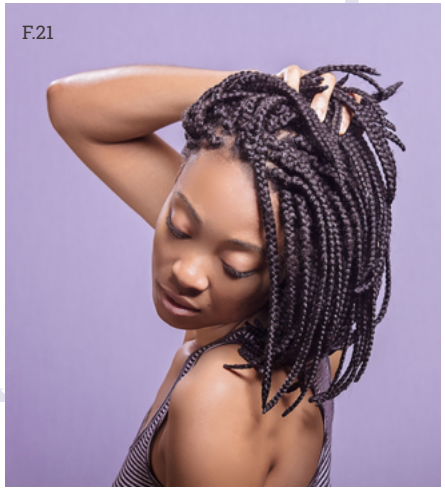
> No processo de afirmação identitária, a revalorização das culturas africanas constitui-se em pilar para a identidade negra, pois pode servir para desconstruir representações que alienam a pessoa negra de seu próprio corpo e suas raízes étnico-raciais.
>
> **(Viviane Fernandes e Maria Cecília Souza, 2016)**

Diante desse cenário, é necessário compreender que o entendimento sobre a identidade negra é crucial para o antirracismo à medida que é através da identificação com a cultura e a história africana e afro-brasileira que discriminações e preconceitos raciais serão revistos, já que poderão ser contrapostos ao eurocentrismo imposto.

F.20

F.20_Ver_ p. 107

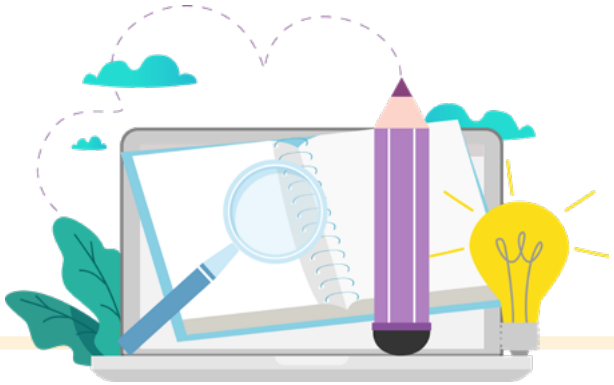
F.21



Por conta disso, é importante valorizar e (re)afirmar a identidade negra, colocando-a também como bela, normal e positiva. Naturalizar o uso do cabelo Black Power, endredado, trançado, de acessórios como o durag[53] e/ou turbantes , é uma das formas de enaltecimento da cultura negra, seja ela africana ou quilombola. Além disso, a valorização pode se dar através do consumo de produtos feitos por pessoas negras nos diferentes espaços que ocupam: moda, arte, culinária, entre outros.

> Aos 16 anos, eu comecei minha transição capilar e tive meu primeiro contato com o mercado de trabalho. E sofri um racismo muito pesado por isso, porque eu estava na transição capilar, e o gerente do local onde eu trabalhava falou que meu cabelo não estava adequado por eu estar utilizando tranças. A partir desse momento, eu acredito que também foi meio que um choque de realidade para mim, porque **eu me aceitava, minha família me aceitava, meus amigos me aceitavam, mas a sociedade não me aceitava.**
>
> **(Bruna Trajano, 2019)**

53_Ver_ p. 104 / F.21_Ver_ p. 107



Se liga, mergulhe no assunto!

O relato da página anterior é da **Bruna Trajano**, cabeleireira, trancista e idealizadora do projeto Odara- Cachos e Tranças" para o vídeo **CABELO é RESISTÊNCIA!** - Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/37T4PIm

5.4_Representatividade

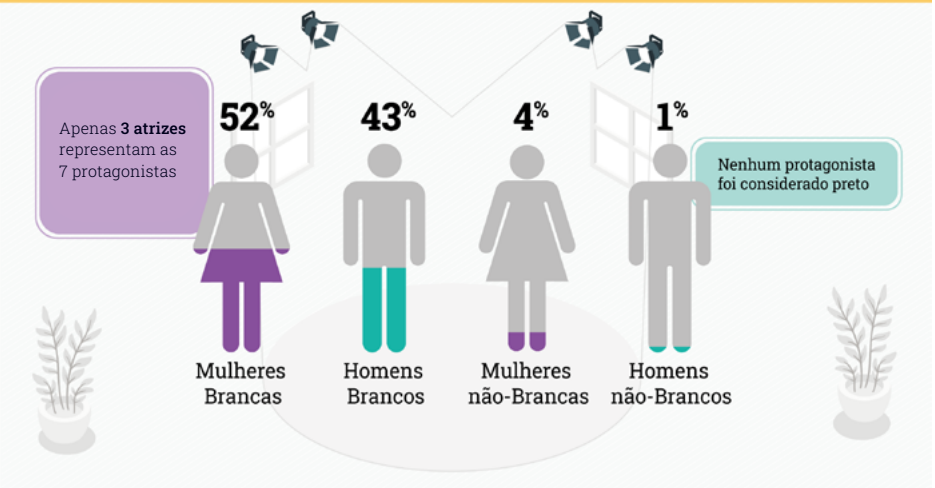
F.22

A importância de ocupar espaços. Quantos negros estão no seu ambiente de trabalho?
Ao retirarmos o sufixo da palavra representatividade, temos "representar", que significa ser a imagem, o símbolo, a reprodução. Pensando nisso, quais são as representações e os símbolos que dão representatividade aos grupos sociais vulnerabilizados, no caso deste almanaque, as pessoas negras?

Ao nos enxergar em lugares de destaque, nos vemos representadas naquele espaço. Logo, esse mesmo local se torna possível de ser alcançado, mesmo que de forma imaginária. Para meninas e mulheres negras, o baixo nível de representatividade interfere no reconhecimento de sua identidade como bela, já que o que tem destaque e é considerado bonito socialmente são mulheres brancas, como as protagonistas das novelas, por exemplo.

F.22_Ver_ p. 107

Protagonistas de Novelas entre 1995 e 2014



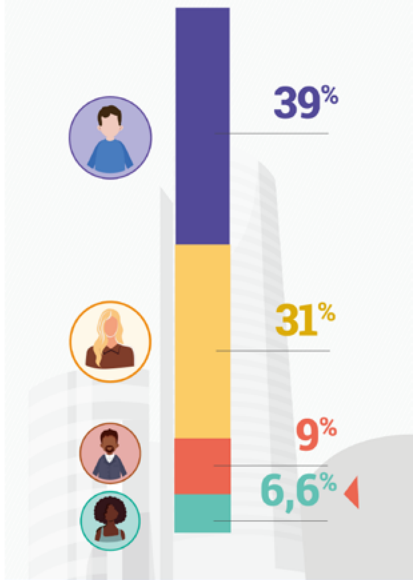
Fonte:
CAMPOS, L. A; CANDIDO, M. R; JUNIOR, F. J. A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos. Gemaa, 2015[54].

Refletir sobre representatividade é também repensar os espaços de poder como conhecemos, que tradicionalmente são ocupados por homens e pessoas brancas. A maioria dos cargos de liderança também não são ocupados por mulheres, muito menos pelas mulheres negras. Se metade da população do país é negra (parda e preta), é no mínimo estranho não ter pelo menos um número expressivo de pessoas negras em programas, campanhas de TV, ocupando cargos de gerência e/ ou executiva em empresas, sendo maioria em cargos políticos, etc.

Quando uma mulher negra ocupa um espaço de poder, protagonismo e/ou liderança, ela abre caminho para seus pares e, com isso, passa a ser o símbolo ou a imagem que dará representatividade à demais. Cabe também às pessoas não-negras a participação no equilíbrio representativo entre a maior parcela da população e os lugares a serem ocupados, principalmente se o seu olhar já estiver aberto às injustiças às quais esses corpos estão submetidos.

Mulheres negras possuem a menor presença em cargos de liderança

e somam menos de 7% de contratações em São Paulo em 2020



Vereadora eleita pelo Rio de Janeiro e assassinada brutalmente em 2018, Marielle Franco foi uma socióloga e política brasileira. Conheça sua história em: https://revistacult.uol.com.br/home/marielle-franco-e-o-mal-radical/

Fonte:
MIND MINERS. Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho. Pesquisa realizada pela plataforma Mind Miners e conteúdo aplicado por BOX 184 e Indique uma Preta no ano de 2020[55]

54_Ver_ p. 104

55_Ver_ p. 104

A questão da representatividade **é muito importante na vida do negro, da negra,** desde sempre.

(Drª Valdirene Assis, 2019)

Se liga, mergulhe no assunto!

O trecho acima é da fala da **Drª Valdirene Assis**, coordenadora geral da COORDIGUALDADE, retirada do vídeo **Falta REPRESENTATIVIDADE NEGRA na TV!**, do Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3yJXCW0

5.5_Reconheça o privilégio branco

Assim como é importante uma pessoa negra enxergar a sua negritude, é fundamental que pessoas brancas comecem a refletir sobre como seus corpos são vistos pela sociedade, onde o corpo branco é considerado como o padrão a ser seguido e almejado. A reflexão sobre a não racialização das pessoas brancas ajuda a compreender a prática antirracista.

Enquanto as pessoas negras são racializadas precocemente, ainda na infância, pessoas brancas ainda não se veem como brancas dentro do âmbito racial. A partir desse reconhecimento é possível perceber os privilégios restritos às pessoas brancas, criando assim injustiças entre grupos sociais em vulnerabilidade[56].

Pessoas brancas devem aprender a contar. Ao chegar nos lugares devem se perguntar: por que num espaço entre lideranças não há nenhuma mulher negra? Ou por que, na eleição poucas pessoas negras foram eleitas? E no seu ambiente de trabalho, quantas pessoas negras estão nesse espaço? Quais são os seus cargos? Subalternos? E na época de escola, quantas professoras/es negras/os você teve?

Se mais da metade da população brasileira[57] é negra, quais são os espaços que essa parcela está ocupando? **Desde cedo, crianças e jovens negras/os são ensinadas/os a olhar para essa ausência, questionar e refletir sobre ela.** Agora é necessário que pessoas não-negras façam o mesmo.

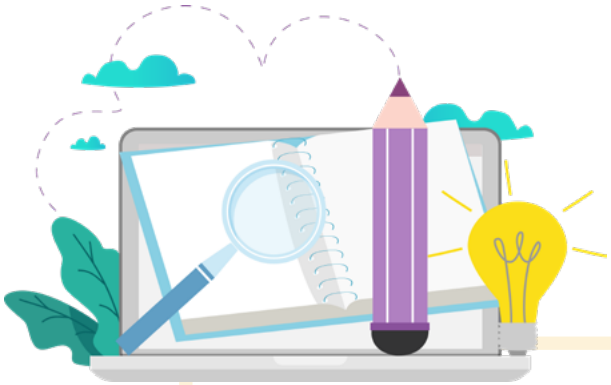
Uma das questões que atingem o privilégio branco é que nem todas/os aquelas/aqueles que vivenciam a branquitude são totalmente ou plenamente privilegiadas/os. O que é uma verdade, pois estamos inseridos numa sociedade desigual, seja em relação à raça, gênero ou classe. Porém, é necessário lembrar que privilégio é uma questão social que será determinada a partir do coletivo,

56-57_Ver_ p. 104

e não do individual. Ou seja, mesmo que o seu privilégio não te dê vantagens em certos aspectos, certamente lhe dará em outros, mesmo que você não perceba.

Enxergar sua branquitude e reconhecer seu privilégio, mesmo que em pequenas dimensões, contribuirá para a construção da consciência racial. Aliás, essas considerações não devem se limitar ao Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Datas como essas servem como ponto de reflexão e não são meramente comemorativasmeramente comemorativas.

F.23



Se liga, mergulhe no assunto!

Para compreender melhor, recomendamos o vídeo **O que é privilégio?**, Muro Pequeno, 2018, e a leitura do livro Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://goo.su/a6zHz

F.23_Ver_ p.108

F.24

Direitos

06

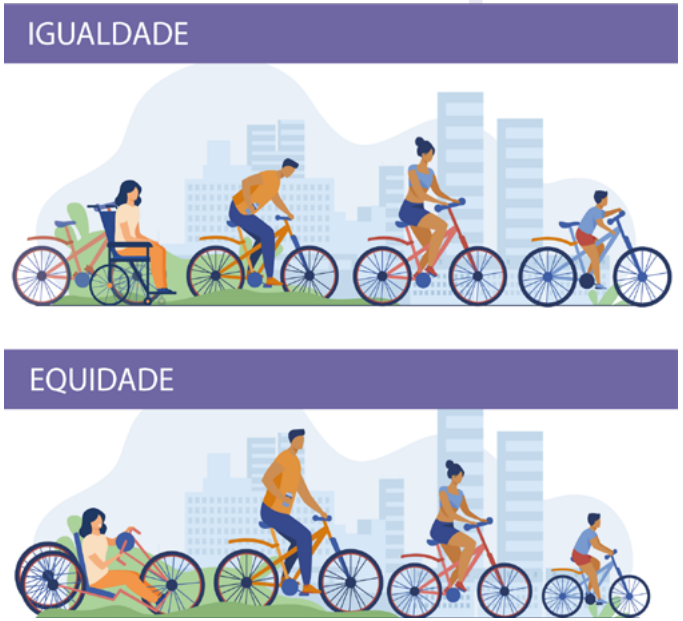
F.24_Ver_ p. 108

6
DIREITOS

Como vimos anteriormente, as diferentes formas de racismo estrutural e institucional colocaram a população negra nos níveis mais baixos da pirâmide social e impossibilitam sua ascensão para os níveis mais altos.

A fim de ampliar as oportunidades de acesso a pessoas negras, surgem políticas públicas que estabelecem pontos de partida que pretendem promover equidade, algo além da igualdade que, por mais necessária que seja, não é capaz de trazer, sozinha, as mesmas oportunidades. A proposta é garantir que mais oportunidades sejam alcançadas pela população negra.

F.25



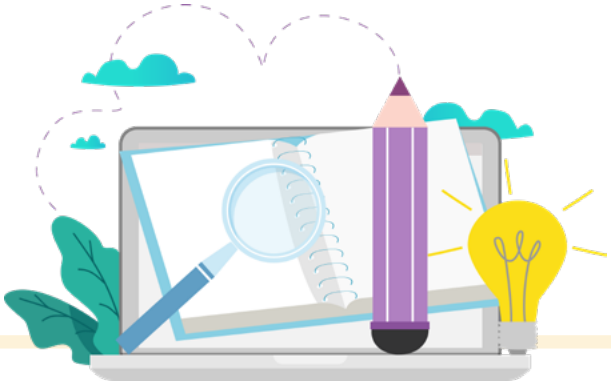
F.25_Ver_ p. 108

Com isso, leis de ações afirmativas foram criadas para promover melhores condições de vida às pessoas negras e também a outros grupos que são beneficiados pelas ações afirmativas, como indígenas, pessoas com deficiência, estudantes de escola pública e pessoas com renda familiar inferior a um salário mínimo.

Um exemplo é a lei de cotas raciais, que determina a reserva de vagas para pessoas autodeclaradas pardas, pretas ou indígenas em instituições públicas de ensino médio, técnico e superior, que foi ampliada para empresas e concursos públicos[58].

As cotas raciais não existem com a intenção de que vigorem para sempre, mas sim para diminuir a diferença causada pela negação ao direito do acesso à educação e emprego para população negra. Isso é reparação histórica[59].

> **A sociedade branca, que é homofóbica, que é racista, que é machista**, acha que nós tínhamos que ficar só na senzala. A casa grande jamais nos aceitaria doutores, psicólogos, dentistas. Imagina! Cota é reparação. Cota é todo um processo para trazer justiça da mão escravagista que construiu a nação.
>
> **(Conceição Leal, 2019)**



Se liga, mergulhe no assunto!

A frase da página anterior é da **Conceição Leal**, servidora pública aposentada da Universidade de Minas Gerais, retirada do vídeo **"ENTENDA a IMPORTÂNCIA das COTAS!"** - Canal Preto, 2019.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3wvHF3h

58_Ver_ p. 104
59_Ver_ p. 105

DESCONSTRUA
EXPRESSÕES RACISTAS[60]

PRECONCEITO NA LÍNGUA

Algumas expressões que reproduzem falas preconceituosas:

A COISA TÁ PRETA
Essa expressão associa "preto" com uma condição difícil ou ruim.

INDIADA
"Indiada" se refere a um grupo ou conjunto de índios, porém é usada para descrever algo que não deu certo ou até mesmo algo chato.

DENEGRIR
Usado de forma pejorativa no sentido de difamar, tem como verdadeiro significado "tornar negro".

ATÉ TENHO AMIGOS QUE SÃO NEGROS
Essa é uma frase muito utilizada para se defender quando alguém aponta uma fala ou uma atitude racista.

HUMOR NEGRO
Expressão usada para se referir a uma espécie de humor ácido, como piadas com temas sérios ou tabus.

Fonte:
MORAES, I. K. Racismo na Língua Portuguesa.
Meon, 2021[60].

Numa sociedade com estruturas racistas, também surgirão expressão racistas em seu vocabulário.

Algumas dessas expressões são heranças do período colonial, no qual o negro era visto como objeto. Como por exemplo a expressão **"a dar com o pau"**, que teve origem nos navios negreiros. Quando as pessoas sequestradas se negavam a comer durante a vinda para o Brasil como forma de protesto, elas eram forçadas a comer a comida que era jogada em suas bocas com uma colher de pau.

F.26

60_Ver_ p. 105

F.26_Ver_ p. 108

Fonte:
Adaptado de **Agência Jovem de Notícias,** 11 expressões racistas que você deveria parar de usar no dia a dia.

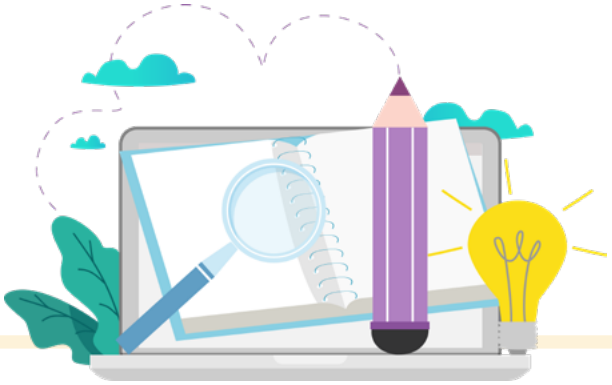
Vamos à prática?

Na imagem acima estão várias expressões racistas. O desafio aqui é riscar as palavras e expressões que devem ser retiradas do nosso vocabulário. No **espaço abaixo**, proponha substituições para essas palavras, que respeitem e não inferiorizem o corpo negro.

A língua portuguesa é rica, não se limita a palavras e expressões que retiram a humanidade das outras pessoas. Por isso, **pense em novas maneiras e estratégias que não descredibilizam ou inferiorizam outras etnias/raças,** como amarela, negra e indígena.

F.27

F.27_Ver_ p. 108



Se liga, mergulhe no assunto!

Para saber mais, acesse o link a seguir:
Elimine expressões racistas do seu vocabulário!, feito pelo canal **Força na Peruca**: https://bit.ly/38yEakn

E também leia a cartilha **O racismo sutil atrás das palavras**[61].

Racismo é crime. Denuncie!

Racismo, por lei, é um ato criminoso, que pode ser denunciado por meio da **Lei de Racismo**. Criada em 1989, a Lei de Racismo é, em resumo, o crime direcionado à raça/etnia como um todo (a um grupo de pessoas, por exemplo) por qualquer ato discriminatório ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (xenofobia)[62].

Já a **Lei de Injúria Racial** discorre sobre ofensa sobre ofensa ao indivíduo por conta de por conta de sua cor, etnia, religião, idade ou deficiência. Recentemente, esta Lei foi equiparada à Lei nº 7.716 (Lei do Racismo). Com isso, a Lei de Injúria Racial passa a ter a mesma punição que a do Racismo, sendo **diferentes** apenas em seus conceitos, já explicados acima[63]. Ambas, agora, passam a ser inafiançáveis e imprescritíveis, o que significa que não importa se aconteceu há um dia, uma semana, meses ou anos: a denúncia ainda pode ser realizada.

É importante saber diferenciar as leis para que, ao realizar uma denúncia, saibamos quais dos nossos direitos estão sendo violados. Ao ser vítima ou presenciar um ou ambos os crimes, denuncie.

Assim como todo crime, casos de racismo, ao serem cometidos, devem ser denunciados e registrados em boletim de ocorrência. Para isso, algumas informações devem ser lembradas para o preenchimento adequado da denúncia, como nome da pessoa agressora, local onde reside, dia, hora e local onde o caso ocorreu, nome e endereço de pessoas que testemunharam e a descrição do fato contendo o maior número de detalhes possível. Caso as/os funcionárias/os da delegacia se recusem a registrar o boletim de ocorrência, a vítima pode buscar uma das opções a seguir: advogados, Defensoria Pública, Ordem dos Advogados e/ou Ministério Público. A Corregedoria da Polícia Civil também pode ser procurada para denunciar

61_Ver_ p. 105

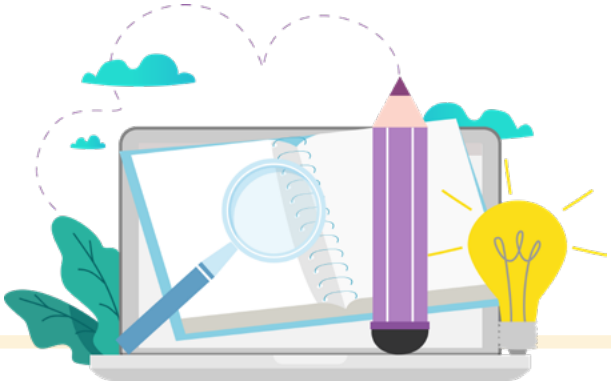
62/64_Ver_ p. 105

as/os funcionárias/os da delegacia que se recusarem a fazer o seu trabalho. Após a queixa, é importante acompanhar todo o processo.

Racismo é uma violência que não se resolve com pedido de desculpas. Além do boletim de ocorrência, existe o **LIGUE 100**, canal de denúncia que aceita ligações gratuitas de diversas violações de direitos humanos, entre elas o racismo.

O tempo todo, o racismo é camuflado. Exatamente assim, o penteio da história é o racismo. Que eles insistem em espessar as tramas do tecido social e a gente permite. Não pode permitir, tem que falar. Mesmo que você seja punido, sei lá, mas tem que gritar, velho.

(Veko Araújo, 2020)



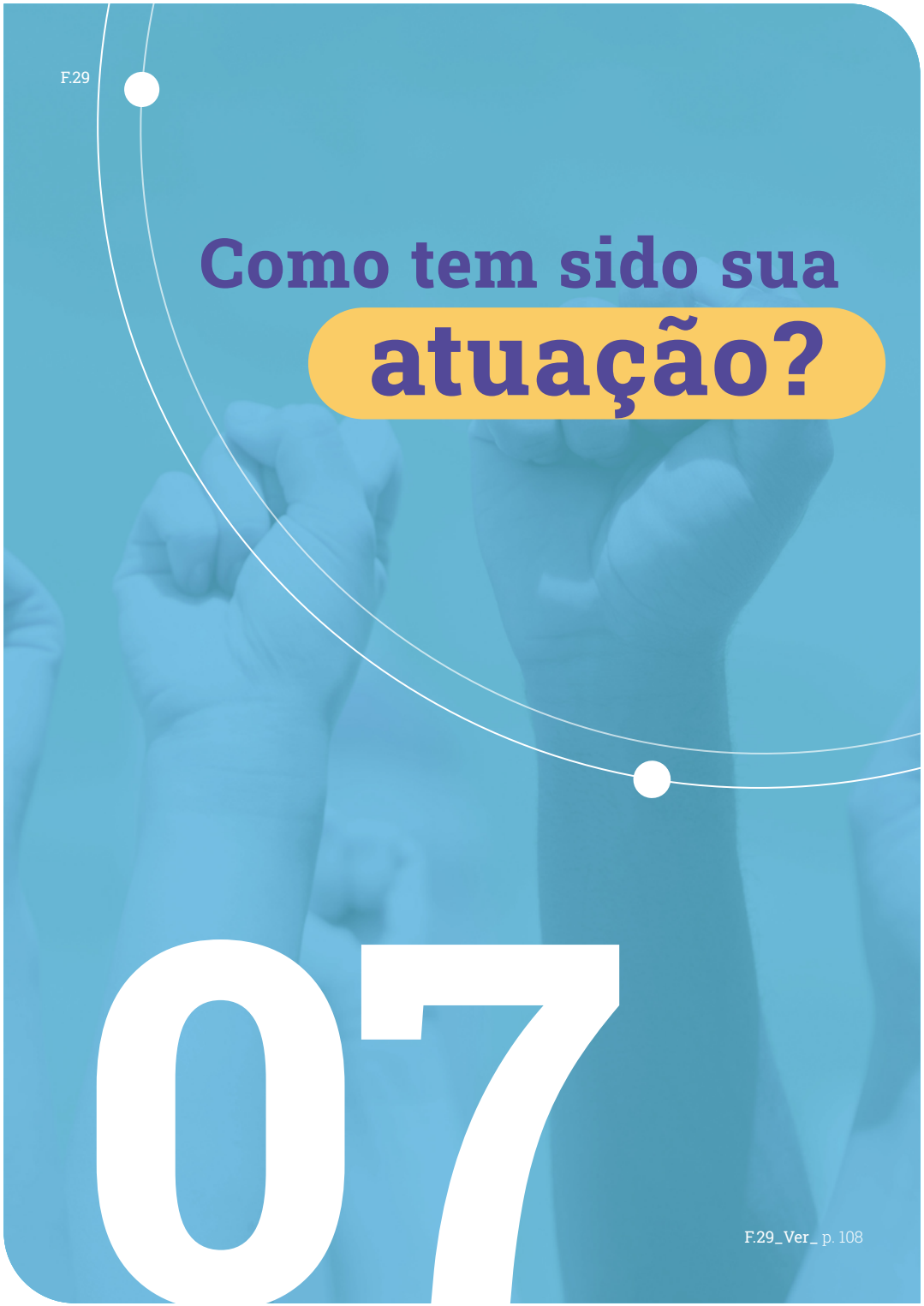
Se liga, mergulhe no assunto!

Essa frase é do performer **Vejo Araújo** e foi retirada do vídeo, **"O RACISMO de CADA DIA"** – Canal Preto, 2020.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/38w9HU4

Para obter mais informações sobre a equiparação das leis, acesse a matéria do **Portal Géledes,** disponível em: https://bit.ly/39z8VpO

F.28_Ver_ p. 108



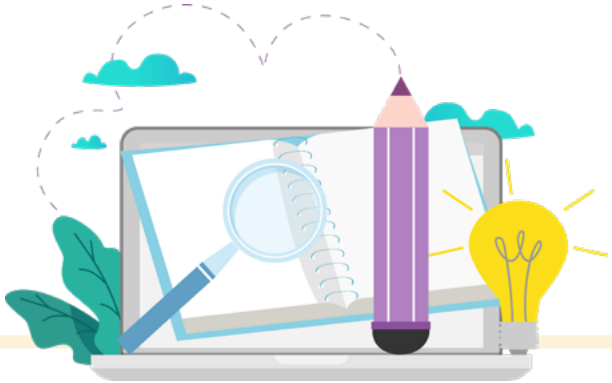
7
COMO TEM SIDO SUA ATUAÇÃO?

Para exercer de fato a prática antirracista como educadora/educador, também é preciso olhar para dentro e entender a própria identidade, seja ela negra ou não. Com isso, será possível nos reconhecermos como agentes de transformação. Em uma educação racializada de base eurocêntrica que apaga a história preta do país e, consequentemente, invisibiliza a memória de mais da metade da população, se faz necessária uma melhor compreensão de si.

Educadoras e educadores negras/os precisam se reconhecer como intelectuais de suas próprias vivências, pois esse lugar de fala deve ser afirmado como fonte de conhecimento. Abrir espaço para a intelectualidade negra também é dar abertura para novas possibilidades do educar.

A educação eurocêntrica não é a única possível. No resgate de experiências boas e ruins como educadoras/es, será possível traçar estratégias de atuação que fogem do eurocentrismo e também do etnocentrismo, abrindo passagem para a descolonização do saber e colocando a própria pessoa educadora como produtora de conhecimento.

> Eu, particularmente, acredito muito na agência transformadora dessas e desses educadoras/es negras/os que acreditam que **podem contribuir para que seus alunos e suas alunas consigam olhar para o mundo a partir de outras lentes.**
>
> **(Maria Clara Araújo, 2020)**



Se liga, mergulhe no assunto!

O trecho acima é da fala da **Maria Clara Araújo**, ativista dos direitos LGBTQIA+ e Educadora em formação, presente no vídeo **"EDUCAÇÃO PRETA** de qualidade" - Canal Preto, 2020.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique no seguinte link: https://bit.ly/3FVl58c

EXERCITE!
NINGUÉM NASCE SABENDO

F.30

Com a informação em mãos, o que deve ser feito?

A resposta para esta pergunta pode ser complexa, por isso as atividades a seguir têm como objetivo propor formas de colocar em prática as reflexões que surgirem a partir da leitura deste almanaque, e assim contribuir para que o combate ao racismo seja colocado em prática.

Liste as ações que sua organização fez ou pretende fazer para promover a educação antirracista.

F.30_Ver_ p. 108

Relembre as ações com temática racial que já foram realizadas.. Deixe a imaginação fluir e pense nas possíveis ações que podem ser colocadas em prática no dia a dia como **pessoa educadora**. **Abaixo, uma tabela** para que suas ideias possam começar a tomar forma.

Ações realizadas	Ações pretendidas
Exemplo) Contação de histórias.	**Exemplo)** Sessão de cinema: filmes com protagonismo negro.
01)	01)
02)	02)
03)	03)
04)	04)
05)	05)
06)	06)
07)	07)
08)	08)
09)	09)
10)	10)

VÁ ALÉM
DO DIA 20 DE NOVEMBRO

Estratégias de implementação

Sendo o racismo um problema estrutural, torna-se necessário que a discussão sobre as questões que o envolvem não se restrinjam ao mês de novembro, quando é comemorado o dia da Consciência Negra. O debate sobre questões raciais deve ser constante. Para a educação antirracista ser colocada em prática, é necessário implementar ações que propiciem a consciência negra para além do 20 de novembro.

F.31

F.31_Ver_ p. 108

Na tabela abaixo, você poderá descrever quais ações a sua organização pretende realizar:

Atividade Ação definida pela organização	**Como será implementado** Forma como a atividade será implementada, descrita por linha	**Responsável** Pessoa responsável pela implementação	**Período de execução** Tempo destinado para execução de cada ação implementada.	**Observações**
01)				
02)				
03)				
04)				
05)				
06)				
07)				
08)				
09)				
10)				

ATIVIDADE:
LINHA DOS PRIVILÉGIOS

Uma das consequências do racismo são as desigualdades causadas em diversas áreas da vida da população negra, o que dá abertura para que corpos brancos tenham privilégios sociais, fazendo com que as oportunidades sejam maiores para um grupo e menores para outros. A atividade a seguir pode ser aplicada com o grupo de alunas/os. Ela tem como objetivo entender como o privilégio branco funciona na sociedade.

1. Disponha as pessoas participantes numa quadra (ou outro espaço onde elas possam correr de uma extremidade à outra).

2. Comece a atividade dizendo para todo o grupo que elas/eles estão numa corrida e que o objetivo de todas/os é o mesmo: chegar do outro lado. Porém, seus pontos de partida serão diferentes. Antes de correr, o grupo deverá responder a algumas perguntas, seguindo os comandos determinados por você. Incorpore e adicione perguntas de acordo com o perfil do grupo que você está conduzindo.

a) Se sua família esteve presente na sua infância e adolescência, dê um passo à frente.

b) Se considera que teve boa convivência com sua família, dê um passo à frente.

c) Se você ganhou mesada durante a infância e adolescência, dê um passo à frente.

d) Se sua casa já encheu de água ou se você já perdeu um bem por morar em área de risco, dê um passo para trás.

e) Se você estudou em escolas públicas durante o ensino básico (fundamental ou médio), dê um passo para trás.

f) Se você já teve dificuldades em fazer amigos ou arranjar um emprego por conta da sua raça/cor, dê um passo para trás.

g) Se já ouviu piadas por conta da cor da sua pele ou do seu cabelo, dê um passo para trás.

h) Se já desejou ter outra cor de pele, dê um passo para trás.

3. Ao terminar as perguntas, peça para que as pessoas observem as posições que estão ocupando na linha de largada da corrida. Dê o sinal para que o grupo corra até o outro lado da quadra e, em seguida, faça uma sessão de perguntas:

- A corrida foi justa? Por quê?

- Os passos que vocês deram influenciaram sua corrida?

- Como foi chegar ao objetivo final?

- Os que estavam na frente tinham mais chances de conseguir chegar no objetivo com mais facilidade? Por quê?

4. Encerre a atividade frisando que o privilégio é uma questão social e não individual, e que mesmo que uma pessoa seja privilegiada em determinada área de sua vida, pode não ser em outras. Explique também que, independentemente da linha de chegada, os pontos de partida devem ser justos para todos.

ATIVIDADE:
CONSTRUA NOVAS HISTÓRIAS

O perigo da história única, bem exposto pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie[65], é comum quando tratamos das relações étnicos-raciais. Ao criar novas narrativas, contribuímos para a desmistificação da lógica que coloca todas as pessoas negras como iguais. Pensando nisso, o objetivo desta atividade, que poderá ser aplicada com a turma, será criar uma história com protagonismo de personagens negras.

1. A primeira parte será um jogo da memória, cujo objetivo será encontrar as cartas que se complementam (imagem e descrição). Primeiramente, prepare um jogo de cartas, onde uma das cartas do par deverá conter a figura de um personagem (por exemplo, Tempestade/ X-Men) e a **outra a descrição desse mesmo personagem (capaz de manipular o tempo, ela é uma das líderes de uma equipe de mutantes e seu país de origem é a Wakanda), que pode ser de desenho animado, filme, série, uma figura pública, etc.** A quantidade de cartas irá depender do número de participantes. Divida as/os participantes em dois grupos e peça para encontrarem os pares.

2. A segunda parte será dedicada à criação das histórias, que deverão ser iniciadas a partir dos personagens trabalhados no jogo da memória. Antes de iniciar, explique sobre o "perigo da história unica" e dê exemplos, como o fato de uma mentira que, quando é contada muitas vezes, torna-se verdade. As figuras do jogo serão as protagonistas da história que cada grupo deverá construir em conjunto. O grupo poderá adicionar outros personagens, caso necessário. Você deverá estipular um tempo para que a história seja criada. Quando os grupos finalizarem a construção da história, peça para que representem suas criações.

3. Ao final, faça algumas perguntas ao grupo :

- Como foi criar uma história? Foi fácil ou difícil? Por quê?

- Vocês já conheciam estes personagens?

- As histórias são parecidas? Por quê? Se não, quais as diferenças entre elas?

- Qual a importância de se ter personagens negras em histórias?

4. Finalize a atividade explicando que a criação de uma única história gera estereótipos sobre um determinado grupo e/ou etnia, e acaba disseminando ainda mais os preconceitos e discriminações.

Fonte:
Ruth de Souza, primeira atriz negra a atuar no Theatro Municipal. Conheça sua história em: https://goo.su/FIdQx

65_Ver_ p. 105

ATIVIDADE:
LINHA DO TEMPO
HISTÓRIAS DA NOSSA TERRA

A história da população negra foi apagada e, como consequência, temos a incerteza sobre a origem desses povos que ainda hoje são invisibilizados, mesmo com grandes participações na história do país, ocupando espaços na saúde, educação, esporte e política.

Esta atividade tem como objetivo retirar tais nomes das sombras, para que enfim tenham sua representatividade posta e assumida, fazendo com que conheçamos fatos históricos realizados por pessoas negras.

1. Para realizar esta atividade, determine o ano/período de tempo em que sua linha irá iniciar. A partir disto, inicie sua pesquisa sobre as mulheres negras que se destacaram neste período em diferentes áreas e busque por nomes até chegar à atualidade. Feito isso, mostre às alunas/os os nomes encontrados, explicando quem são e a importância de sua história no contexto racial. Após a explicação, peça para que montem a linha do tempo em conjunto.

Fonte:
Sueli Carneiro, intelectual negra brasileira. Saiba mais sobre sua história em: https://bit.ly/3RER8O7

2. A primeira parte da pesquisa sobre as personagens negras brasileiras também pode ser realizada pela turma. Para isso, divida as/os alunas/os em grupos pequenos e determine a quantidade de nomes a serem pesquisados, além do período/época, de acordo com a extensão da linha do tempo. Tais nomes poderão ser de figuras e/ou personagens de diversas áreas. Ao finalizar a busca, a turma deverá construir a linha do tempo coletivamente, apresentando os nomes encontrados.

Fonte:
Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira. Saiba mais sobre sua história em: http://glo.bo/3CxFJdF

Abaixo seguem alguns exemplos de mulheres negras que fizeram história no Brasil por serem pioneiras em suas áreas:

a) 1664 - Dandara, símbolo de resistência. Lutou contra o sistema escravocrata no século 17.
ACESSE: https://bit.ly/3LW4Eu2

b) 1860 - Maria Firmina dos Reis, primeira mulher e negra a ser aprovada em um concurso público no Estado do Maranhão.
ACESSE: https://goo.su/heuU

c) 1921- Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
ACESSE: https://goo.su/cUImKT

d) 1934 - Antonieta de Barros, primeira deputada do Estado de Santa Catarina e primeira mulher negra a ser eleita no país.
ACESSE: https://goo.su/I5bVY

e) 1965 - Dona Ivone Lara, primeira mulher negra a compor um enredo para uma escola de samba no Rio de Janeiro.
ACESSE: https://goo.su/rH7rMy

f) 1970 - Sueli Carneiro, intelectual negra brasileira, ativista do movimento negro e filósofa que mudou o cenário universitário do país.
ACESSE: https://bit.ly/3wYTrTI

g) 2019 - Miraildes Maciel Mota, também conhecida como Formiga. A jogadora de futebol é a única pessoa do mundo a ter participado, como atleta, de 7 Copas do Mundo.
ACESSE: https://goo.su/YZih

ATIVIDADE:
3 MOMENTOS

01

Temática/Assunto
Colorismo

Vídeo
Curta Metragem
"Dúdú e o Lápis Cor da Pele"

02

Faixa Etária
08 a 14 anos

Objetivos
Identificar episódios de racismo e apresentar o conceito do colorismo.

Questões
Vocês já ouviram falar nessa cor de lápis? Existe apenas uma tonalidade de cor de pele? Há diferenças entre elas?

03

Atividade
Boneca de papel

Materiais
Jornal, cola, tesoura, botão, papel crepom, lápis de cor, giz de cera, entre outros.

Para gerar reflexão quanto ao tema, podemos fazer uso de três momentos distintos que se complementam, seja em uma oficina, aula, encontro, etc.

O primeiro momento será para usar vídeos como campanhas, desenhos e comerciais que abordam a temática racial de acordo com a faixa etária da turma. Nessa temática há vários assuntos a serem abordados, como raça e racismo, colorismo, cotas raciais, identidade, etc. Foque cada aula/encontro em um desses assuntos.

No segundo momento, será realizada uma roda de conversa sobre o vídeo assistido. O/a educador/a deve fazer uma lista de perguntas norteadoras para auxiliar o debate entre os/as alunos/as.

O terceiro momento será destinado para alguma atividade que contemple o conteúdo do vídeo e a roda de conversa. Pode ser uma atividade física, com uso de jogos cooperativos, pedagógicos, entre outros.

Em roda, distribua jornais para a turma e, com o material disponível, peça para que construam sua própria boneca. A turma deve amassar o jornal para moldar sua boneca/o, unindo as partes com durex ou cola. Além disso, o grupo pode caracterizar suas bonecas/os com giz, lápis de cor, canetinha, etc. Peça ao grupo para cada um pensar em um nome, origem, história e habilidade especial para a/o boneca/o, além de explicar a escolha da cor de pele com que decidiram pintá-la/o. Quando a turma finalizar a atividade, inicie o debate com as questões norteadoras.

F.32

Notas de rodapé

F.32_Ver_ p. 108

NOTAS DE RODAPÉ

1_Aqui, primeiramente, é importante diferenciar ambas palavras, para isso utilizarei o dicionário de Oxford Languages. **Equidade:** 1. apreciação, julgamento; 2. virtude de quem ou do que (atitude, comportamento, fato etc.) manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos. "a e. de um juiz". **Igualdade:** 1. fato de não apresentar diferença quantitativa. "i. de salário" 2. fato de não se apresentar diferença de qualidade ou valor, ou de, numa comparação, mostrarem-se as mesmas proporções, dimensões, naturezas, aparências, intensidades; uniformidade; paridade; estabilidade. "i. de oportunidades". Com isso a definição de igualdade racial será atribuída ao que diz o Estatuto da Igualdade Racial (LEI Nº 12.288) que tem como dever "garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica."

2_ALMEIDA, S. L. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2018. p.19-24.

3_MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ,** em 05 de novembro de 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

4_Idem, 2018, p.19-24.

5_Idem, 2018, p. 25.

6_MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. p. 65.

7_Idem, 2018, p. 25.

8_Para o IBGE, negro são aqueles que se autodeclaram pardos ou pretos, e esses dois grupos somados representam mais da metade da população do Brasil. In: OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo,** São Paulo, v. 18, n. 50, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3v-nSRPVZG66H/?lang=pt Acesso em: 25/04/2022

9_ALMEIDA, S. L. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, 204 p. p.27-40.

10_Segundo Munanga, "O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça "branca", "negra" e "amarela", pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território"_____. In: Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05 de novembro de 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

11_CERQUEIRA, D, et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP, 2021.

12_SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. 855 p.

13_SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. p. 370-377.

14_"Nesse período da chamada "modernização nacional", a pretensa falta de braços "laboriosos", capazes de responder às exigências da "nova economia", teria exigido que governantes e fazendeiros promovessem uma intensa imigração de europeus" SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. p. 429.

15_GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. **Tempo Social, revista de sociologia da USP,** v. 18, n.

2, p. 269-287, nov, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525/14302> Acesso em: 25/04/2022.

16_CRUZ, T, J; MARTINS, P. Colorismo E Embranquecimento Na Rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana. In: **VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR,** 2017, Pinhais. Anais do VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR ? SE²PIN. Pinhais, 2017. v. 6.

17_MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional VS identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.129-132.

18_Idem, 2019, p. 54.

19_FERNANDES, C. A Tese do Branqueamento. **Mundo Educação UOL.** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/tese-branqueamento.htm> Acesso em: 25/04/2022.

20_DIAS, G, R, M; JUNIOR, P, R, F, T (org). **Heteroidentificação e cotas raciais**: dúvidas, metodologias e procedimentos. Canoas: IFRS campus Canoas, 2018. 267p.

21_FERNANDES, V, B; SOUZA, M, C; Cortez, C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** 2016, n. 63. Disponível em: https://bit.ly/38scc9Z Acesso em: 25/04/2022

22_REDAÇÃO VOGUE. Influencer admite ter fraudado sistema de cota racial para entrar na universidade. **Vogue,** 05 junho de 2020. Disponível em: https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2020/06/influenciadora-branca-gera-revolta-ao-revelar-ter-entrado-em-universidade-usando-cota-para-negros-e-pardos.html Acesso em: 10/02/2022.

23_RAUL, J. M. Mulheres negras e a luta por igualdade: por um feminismo negro decolonial. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 21, n. 41, 2016. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8663. Acesso em: 25/04/2022.

24_DAVIS, A. A liberdade é uma luta constante. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 150 p.

25_CERQUEIRA, D, et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP, 2021.

26_SOARES, C. M. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996.

27_LIMA, K, D; LEWIS, L; LYRA, T, M."O escuro das cores, na pele afrodescendente, herdeira das dores": Dimensões do racismo no contexto de assistência ao parto. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]., v. 31, n. 01, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310119 Acesso em: 02/02/2022. .

28_Idem, 2021, p.10

29_MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2001. 254 p.

30_MOREIRA, E, C; WEIMER, W, R; Violência E Bullying: Manifestações E Consequências Nas Aulas De Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 36, n. 1, 2014. Disponível em: https://bit.ly/3wSDZsl Acesso em: 25/04/2022

31_MOREIRA, A. Racismo recreativo. São Paulo: Pólen, 2019. p. 24

32_REIS, L. Propostas e desafios frente a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 a fim de maiores reflexões acerca do assunto. **Portal Geledés,** 2019. Disponível em: https://www.geledes.org.br/propostas-e-desafios-frente-a-aplicabilidade-da-lei-no-10-639-03/?gclid=Cj0KCQiAraSPBhDuARIsAM3Js4rtEMxAvwRHJ1jWbVKyw5W-hz1y4GTl6WUVGTx_kfPgr-IG2WENE0kaAlStEALw_wcB Acesso: 20/01/2022.

33_Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

34_FARIAS, L, G, S; NEPOMUCENO, L, B; NETO, L, S; SILVA, E, V, M. A Institucionalização Do Racismo Contra Negros(As) E As Injúrias Raciais No Esporte Profissional: O Contexto Internacional. Movimento. **Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 26, 2020. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/mov/v26/1982-8918-mov-26-e26074.pdf> Acesso em: 25 de abril de 2022.

35_PIRES, B. Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado. ElPais, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html Acesso: 20/01/2022.

36_DIEESE. Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho- 3º trimestres de 2019 e de 2020. Disponível em: https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html Acesso em: 29/04/2022.

37_Idem, 2020, p. 2.

38_Idem, 2020, p. 2.

39_MIND MINERS. Potências (in) visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho. Pesquisa realizada pela plataforma **Mind Miners** e conteúdo aplicado por por BOX 184 e Indique uma Preta no ano de 2020 intitulada de: Disponível em: https://readymag.com/u1818798514/2293759/ Acesso em: 20/01/2022

40_Essa aparente transformação da condição das pessoas "de trabalhadoras para empreendedoras" produz um apagamento das desigualdades e do desemprego estrutural. A ideia é que essas pessoas empreendedoras sejam "criativas", "persistentes" e "flexíveis" para lidar com o desemprego, a instabilidade, a precariedade e a informalidade dos trabalhos. Por trás de uma falsa ideia de autonomia, esconde-se um aumento da exploração da força de trabalho e o não reconhecimento dessas pessoas enquanto classe trabalhadora – já que são empregadas e empregadoras ao mesmo tempo -. Ao não se reconhecer enquanto classe trabalhadora, as relações de solidariedade e as possibilidades de luta por melhores condições de trabalho são enfraquecidas In: PERUZZO, J. F.; VALENTIM, E. C. R. B. A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capitalismo. **Temporalis,** Brasília (DF), ano 17, n. 34, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/17914 Acesso em: 02/03/2022.

41_ABREU, A. K. et al. Terá cor a pandemia? O impacto da covid-19 nos pequenos empreendedores negroS. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Brasil. n. 26, p. 67-71,, mar. 2021. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10527> Acesso em: 25/04/2022.

42_Idem

43_MACOTA, G. Negras cozinheiras, vendedoras de angu - Jean Baptiste Debret. **Ganga Macota Blogspot,** 2012. Disponível em: <http://gangamacota.blogspot.com/2012/09/negras-cozinheiras-vendedoras-de-angu.html> Acesso em: 25/04/2022.

44_FELIX, L, R. Racismo Estrutural e a Posição Da Mulher Negra No Mercado De Trabalho No Rio De Janeiro. 2020. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

45_FERREIRA, L. Mulheres negras hackeiam a política. AzMina, 2020. Disponível em: https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-negras-hackeiam-a-politica/ Acesso em: 21/01/2022.

46_SIQUEIRA, B.K.P. Feminismo negro como movimento social e político. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Centro Universitário Toledo, Araçatuba, 2018.

47_INSTITUTO UPDATE. Eleitas - Mulheres na Política. **Instituto Update,** 2020. Disponível em: https://www.institutoupdate.org.br/eleitas/#estudo Acesso em: 21/01/ 2022.

48_FERREIRA, T. N. Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ**., Rio de Janeiro, v.27, n.104, p. 476-498, jul./set. 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LGb4NSSNf8HGhyps4yhnrDB/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25 de abril de 2022.

49_RIBEIRO, D; Pequeno Manual Antirracista. São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. 136 p.

50_RIBEIRO, D. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. 136 p.

51_"Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do sÈculo XVII, ainda que algumas de suas raÌzes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domÌnio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e a experiência e as necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocêntrico, estabelecido a partir da América.". In: LANDER, E (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. **ColecciÛn Sur Sur,** Ciudad AutÛnoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. Disponível

em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf Acesso em 27/04/2022

52_FERNANDES, V, B; SOUZA, M, C; Cortez, C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2016, n. 63. Disponível em: https://bit.ly/38scc9Z Acesso em: 25/04/2022

53_Acessório para cabelo criado nos Estados Unidos. Saiba mais em: ROCHA, J. ; SILVA, G. Durag: do trapo ao trends do estilo, conheça a história do acessório e sua importância hoje. **Mundo Negro,** agosto de 2021. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/a-historia-da-durag-e-sua-importancia-hoje/ Acesso em: 21/02/2022.

54_CAMPOS, L. A; CANDIDO, M. R; JUNIOR, F. J. A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos. Gemaa, 2015. Disponível em: https://gemaa.bemvindo.co/infografico3/ Acesso em: 15/12/2021.

55_MIND MINERS. Potências (in) visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho. Pesquisa realizada pela plataforma Mind Miners e conteúdo aplicado por por BOX 184 e Indique uma Preta no ano de 2020 intitulada de: Disponível em: https://readymag.com/u1818798514/2293759 Acesso em: 20/01/2022.

56_CARDOSO, L. 2010. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales,** N.niñez juv 8(1): pp.607-630, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

57_BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) IBGE/Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica. n. 41-Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil- 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 29/04/2022.

58_BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasil: Congresso Nacional, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 30/01/2022.

59_DOMINGUES, P. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Revista Brasileira de Educação,** 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/g9K3wSLyhKn88LXn3GgJDvc/abstract/?lang=pt Acesso em: 25/04/2022

60_MORAES, I. K. Racismo na Língua Portuguesa. **Meon**, 2021. Disponível em: <https://www.meon.com.br/meonjovem/alunos/racismo-na-lingua-portuguesa> Acesso em: 25/04/2022.

61_BRASIL. Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal. **O racismo sutil por trás das palavras.** Brasília, 2020. Disponível em: <http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/06/Bucho-cheio-meia-tigela-Sejus-DF-lanca-cartilha-contra-termos-racistas-1.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

62_BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Congresso Nacional, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em: 30/01/2022.

63_CHRISTIAN, H. Senado equipara injúria racial ao crime de racismo, inafiançável e com penas maiores. **Rádio Senado**, 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/11/18/senado-equipara-injuria-racial-ao-crime-de-racismo-inafiancavel-e-com-penas-maiores Acesso em: 10/02/2022.

64_Coordenadoria de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Florianópolis. Sofri racismo, o que fazer? Cartilha de orientação à população no combate ao racismo. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Florianópolis,. 2018. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/Cartilha%20Racismo_web.pdf Acesso em: 25/04/2022

65_ADICHIE, N. C. O perigo de uma história única. São Paulo: Schwarcz S.A., 2019. 64 p.

NOTAS DAS ILUSTRAÇÕES

F.1_ Mulher africana com um xale colorido na cabeça.
Disponível em: Adobe Stock #228071427
Autor: @blackday

F.2_ Mulher negra vestindo quimono sorrindo e olhando de lado.
Disponível em: Adobe Stock #453305460
Autor: @Drobot Dean

F.3_ Menina negra sorrindo. Coleção Uma Vitória Leva à Outra.

F.4_ Mulher de negócios afro-americana com laptop.
Disponível em: https://bit.ly/3NXXnv9
Autor: @senivpetro

F.5_ Coleção de ilustração vetorial de educação a distância Pro Vector.
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/271899
Autor: @liravega

F.6_ Mulher negra lendo um livro.
Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/mulheres-vestidas-de-preto-lendo-livro-1181579/
Autor: @Christina Morillo

F.7_ Mulher negra com expressão triste.
Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/cabelo-cacheado-diversidade-expressao-facial-sueter-de-trico-7929697/
Autor: @Mikhail Nilov

F.8_ Desigualdade econômica, diferença de ricos e pobres, conceito de renda de injustiça Pro Vector.
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/2118311
Autor: @eamesbot

F.9_ Foto de alto ângulo de um grupo de mulheres deitadas uma ao lado da outra, com diferentes tons de pele.
Disponível em: Istock Photo #910866898
Autor: @Delmaine Donson

F.10_ Mamãe e papai segurando um bebê recém-nascido. Casamento misto. Ilustração vetorial Pro Vector.
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/6920979
Autor: @murchatina151106

F.11_ Paleta de cores com tonalidades de pele.
Autor: Ilustração Estúdio Aesho

F.12_ Triste aluna afro-americana solitária chorando enquanto todos os seus colegas a ignoravam. Categoria racismo.
Disponível em: Istock Photo #1338738954
Autor: @Inside Creative House

F.13_ Um conceito de saúde e segurança de um indivíduo sendo segregado. Categoria racismo.
Disponível em: Istock Photo #1215971686
Autor: @Teamjackson

F.14_ Atleta negra jogadora de tênis paralímpica.
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/4626684
Autor: @Anggi.ranggadita

F.15_ Jovem afro-americana vestindo uniforme voluntário falando usando linguagem gestual surda no centro de caridade.
Disponível em: Adobe Stock #485099878
Autor: @Krakenimages.com

F.16_ Mulher afro-americana com punho levantado participando de um protesto pelos direitos humanos
Disponível em: https://stock.adobe.com/ee/images/african-american-woman-with-raised-fist-participating-in-a-protest-for-human-rights/363834273
Autor: @Drazen

F.17_ Mulher negra protestando. Categoria ativismo.
Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/cartao-cartolina-cidade-meio-urbano-4706168/
Autor: @Michelle Guimarães

F.18_ Mãos interraciais de close-up segurando um ao outro.
Disponível em: https://bit.ly/3MoVLcu
Autor: @freepik

F.19_ Coleção de pessoas de diferentes raças em fundos de estúdio, colagem.
Disponível em: Adobe Stock #502594133
Autor: @Prostock-studio

F.20_ Vista frontal mulher negra posando no estúdio.
Disponível em: https://bit.ly/3Nfsnqp
Autor: @freepik

F.21_ Mulher negra de tranças.
Disponível em: https://bit.ly/3MeKtHT
Autor: @pixabay

F.22_ Mulher negra paraplégica em cadeira de rodas esperando no ponto de ônibus.
Disponível em: https://adobe.ly/3atPPlj
Autor: @Prostock-studio

F.23_ Mulher africana com um xale colorido na cabeça.
Autor: Ilustração Estúdio Aesho

F.24_ Mulheres negras protestando. Categoria ativismo, discriminação.
Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/mulheres-em-

protesto-4613878/
Autor: @Life Matters

F.25_ Coleção de imagens vetorias demonstrando as diferenças entre igualdade e equidade.
Adaptado de Representação da igualdade e da equidade na sociedade.
Disponível em: https://falauniversidades.com.br/igualdade-x-equidade-os-reflexos-na-sociedade-brasileira/
Acessado em: 02/06/2022
Autor: Ilustração Estúdio Aesho

F.26_ Jovem rapaz sendo discriminado por sua cor de pele
Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/jovem-rapaz-sendo-discriminado-por-sua-cor-de-pele_9260533.htm
Autor: @freepik

F.27_ Coleção de ilustraçõe vetoriais de post-it
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/106827
Autor: @happymeluv

F.28_ Mulher confiante com cabelo encaracolado protestando.
Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/mulher-confiante-com-cabelo-encaracolado-protestando_8684244
Autor: @Freepik

F.29_ Pessoas segurando seus punhos no ar.
Disponível em: https://bit.ly/3xj0Lei
Autor: @freepik

F.30_ Coleção de ilustraçõe vetoriais de post-it
Disponível em: https://www.vecteezy.com/vector-art/106827
Autor: @happymeluv

F.31_ Mulheres negras trabalhando em conjunto. Categoria planejamento, ambiente de trabalho.
Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/foto-de-mulheres-no-encontro-3810792/
Autor: @RF._.studio

F.32_ Caneta e bloco de notas espiral no laptop com óculos, galho de flores e xícara de café na mesa de escritório azul.
Disponível em: https://bit.ly/3Med14c
Autor: @freepik

F.33_ Reserve na biblioteca com livro aberto.
Disponível em: https://bit.ly/3aA6mnD
Autor: @jcomp

F.33

Referências Bibliográficas

F.33_Ver_ p. 108

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. K. et al. Terá cor a pandemia? O impacto da covid-19 nos pequenos empreendedores negros. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**. Brasil. n. 26, p. 67-71,, mar. 2021.
Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10527> Acesso em: 25/04/2022.

ADICHIE, N. C. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Schwarcz S.A., 2019. 64 p.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

_____. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, 204 p.

ASSUMPÇÃO, L.O.T.; SAMPAIO, T.M.V.; CAETANO, J.N.N.; JÚNIOR,M.A.C.; SILVA, J.V.P. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2010. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1154/1680 Acesso em: 25/04/2022

BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasil: Congresso Nacional, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 30/01/2022.

BRASIL. **Lei nº 3.353**, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm Acesso em: 19/01/2022.

BRASIL. **Lei nº 7.716**, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Congresso Nacional, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em: 30/01/2022.

BRASIL. **Lei nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm> Acesso em: 25/04/2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) IBGE/ **Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica**. n. 41- Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil- 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 29/04/2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) IBGE, **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento**, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012- 2019.

BRASIL. Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal. **O racismo sutil por trás das palavras**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/06/Bucho-cheio-meia-tigela-Sejus-DF-lanca-cartilha-contra-termos-racistas-1.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

CAMPOS, L. A; CANDIDO, M. R; JUNIOR, F. J. A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos. **Gemaa**, 2015. Disponível em: https://gemaa.bemvindo.co/infografico3/ Acesso em: 15/12/2021.

CARDOSO, L. 2010. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, N.niñez juv 8(1): pp.607-630, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

CERQUEIRA, D, et al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CHRISTIAN, H. Senado equipara injúria racial ao crime de racismo, inafiançável e com penas maiores. **Rádio Senado**, 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/11/18/senado-equipara-injuria-racial-ao-crime-de-racismo-inafiancavel-e-com-penas-maiores Acesso em: 10/02/2022.

Coordenadoria de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Florianópolis. Sofri racismo, o que fazer? Cartilha de orientação à população no combate ao racismo. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Florianópolis,. 2018. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/Cartilha%20Racismo_web.pdf Acesso em: 25/04/2022

CRUZ, T, J; MARTINS, P. Colorismo E Embranquecimento Na Rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana. In: **VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR**, 2017, Pinhais. Anais do VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR ? SE²PIN. Pinhais, 2017. v. 6.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 150 p.

DIAS, G, R, M; JUNIOR, P, R, F, T (org). **Heteroidentificação e cotas raciais**: dúvidas, metodologias e procedimentos. Canoas: IFRS campus Canoas, 2018. 267p.

DIEESE. **Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho**- 3º trimestres de 2019 e de 2020. Disponível em: https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html Acesso em: 29/04/2022.

DOMINGUES, P. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Revista Brasileira de Educação**, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/g9K3wSLyhKn88LXn3GgJDvc/abstract/?lang=pt Acesso em: 25/04/2022

FARIAS, L, G, S; NEPOMUCENO, L, B; NETO, L, S; SILVA, E, V, M. A Institucionalização Do Racismo Contra Negros(As) E As Injúrias Raciais No Esporte Profissional: O Contexto Internacional. Movimento. **Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 26, 2020. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/mov/v26/1982-8918-mov-26-e26074.pdf> Acesso em: 25 de abril de 2022.

FELIX, L, R. **Racismo Estrutural e a Posição Da Mulher Negra No Mercado De Trabalho No Rio De Janeiro**. 2020. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

FERNANDES, V, B; SOUZA, M, C; Cortez, C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 2016, n. 63. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHyJ4s/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 25/04/2022

FERNANDES, C. A Tese do Branqueamento. **Mundo Educação UOL**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/tese-branqueamento.htm> Acesso em: 25/04/2022.

FERREIRA, L. Mulheres negras hackeiam a política. **AzMina**, 2020. Disponível em: https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-negras-hackeiam-a-politica/ Acesso em: 21/01/2022.

FERREIRA, T. N. Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.27, n.104, p. 476-498, jul./set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LGb4NSSNf8HGhyps4yhnrDB/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25 de abril de 2022.

FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021. Disponível em: https://www.bibliotecadeseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2021.pdf Acesso em: 29/04/2022.

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525/14302> Acesso em: 25/04/2022

INSTITUTO UPDATE. Eleitas - Mulheres na Política. **Instituto Update**, 2020. Disponível em: https://www.institutoupdate.org.br/eleitas/#estudo Acesso em: 21/01/ 2022.

LANDER, E (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. **ColecciÛn Sur Sur**, Ciudad AutÛnoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf Acesso em 27/04/2022

LIMA, K, D; LEWIS, L; LYRA, T, M."O escuro das cores, na pele afrodescendente, herdeira das dores": Dimensões do racismo no contexto de assistência ao parto. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**., v. 31, n. 01, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310119 Acesso em: 02/02/2022. .

MACOTA, G. Negras cozinheiras, vendedoras de angu - Jean Baptiste Debret. **Ganga Macota Blogspot**, 2012. Disponível em: <http://gangamacota.blogspot.com/2012/09/negras-cozinheiras-vendedoras-de-angu.html> Acesso em: 25/04/2022.

MIND MINERS. Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho. Pesquisa realizada pela plataforma **Mind Miners** e conteúdo aplicado por por BOX 184 e Indique uma Preta no ano de 2020 intitulada de: Disponível em: https://readymag.com/u1818798514/2293759/ Acesso em: 20/01/2022.

MORAES, I. K. Racismo na Língua Portuguesa. **Meon**, 2021. Disponível em: <https://www.meon.com.br/meonjovem/alunos/racismo-na-lingua-portuguesa> Acesso em: 25/04/2022.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019. 224 p.

MOREIRA, E, C; WEIMER, W, R; Violência E Bullying: Manifestações E Consequências Nas Aulas De Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte,** v. 36, n. 1, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/XRtMKkHn3gxMbYSvg5rk3pr/?lang=pt Acesso em: 25/04/2022

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional VS identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 152 p.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05 de novembro de 2003**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-

conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 25/04/2022.

_____. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2001. 254 p.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H/?lang=pt Acesso em: 25/04/2022

OXFORDLEARNERSDICTIONARIES. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/ Acesso em: 29/04/2022.

PERUZZO, J. F.; VALENTIM, E. C. R. B. A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capitalismo. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 17, n. 34, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/17914 Acesso em: 02/03/2022.

PIRES, B. Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado. **ElPais**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html Acesso: 20/01/2022.

RAUL, J. M. Mulheres negras e a luta por igualdade: por um feminismo negro decolonial. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 21, n. 41, 2016. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8663. Acesso em: 25/04/2022.

REDAÇÃO VOGUE. Influencer admite ter fraudado sistema de cota racial para entrar na universidade. **Vogue**, 05 junho de 2020. Disponível em: https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2020/06/influenciadora-branca-gera-revolta-ao-revelar-ter-entrado-em-universidade-usando-cota-para-negros-e-pardos.html Acesso em: 10/02/2022.

REIS, L. Propostas e desafios frente a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 a fim de maiores reflexões acerca do assunto. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: https://www.geledes.org.br/propostas-e-desafios-frente-a-aplicabilidade-da-lei-no-10-639-03/?gclid=Cj0KCQiAraSPBhDuARIsAM3Js4rtEMxAvwRHJ1jWbVKyw5W-hz1y4GTl6WUVGTx_kfPgr-IG2WENE0kaAlStEALw_wcB Acesso: 20/01/2022.

RIBEIRO, D; **Pequeno Manual Antirracista**.São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. 136 p.

ROCHA, J. ; SILVA, G. Durag: do trapo ao trends do estilo, conheça a história do acessório e sua importância hoje. **Mundo Negro**, agosto de 2021. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/a-historia-da-durag-e-sua-importancia-hoje/ Acesso em: 21/02/2022.

SIQUEIRA, B.K.P. **Feminismo negro como movimento social e político**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Centro Universitário Toledo, Araçatuba, 2018.

SOARES, C. M. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996.

SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo:Editora Schwarcz, 2019. 855 p.

VÍDEOS:

ASTRIDFONTENELLE. **MULHERES ADMIRÁVEIS #04 | DANDARA**. 1 vídeo (1:47) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tUhBeV8z1bA Acesso em: 27/04/2022

ASTRIDFONTENELLE. **MULHERES ADMIRÁVEIS | Conheça a história de MARIA FIRMINA!** 1 vídeo (8:38) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=pqFRdAOD_cU Acesso em: 27/04/2022

ASTRIDFONTENELLE. **MULHERES ADMIRÁVEIS | Conheça a história de MULHERES ADMIRÁVEIS #13 | MERCEDES BAPTISTA**. 1 vídeo (7:28) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-NKvrlLniKs Acesso em: 27/04/2022

ASTRIDFONTENELLE. **Conheça a história da PRIMEIRA DEPUTADA NEGRA DO BRASIL: ANTONIETA DE BARROS | Mulheres Admiráveis.** 1 vídeo (12:01) Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=Jh-_x7v8rfob Acesso em: 27/04/2022

ASTRIDFONTENELLE. **MULHERES ADMIRÁVEIS | Conheça a história da mulher que mudou o cenário universitário do país!** 1 vídeo (02:59) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D6jgsRAv6KI&list=PL7EE69zmYO6bib8vR-pbQA7Am35U61Ntxi&index=47 Acesso em: 27/04/2022

CANAL PRETO. **Entenda o que é racismo estrutural.** 1 vídeo (5:35). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E&t=13s Acesso em: 27/04/2022

_____. **A ESCRAVIDÃO não é FAKE NEWS!** 1 vídeo (1:56) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lvOnpA66I6U Acesso em: 27/04/2022

_____. **Colorismo - você sabe o que é?** 1 vídeo (6:44) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EXKXCsURZ8A&t=21s Acesso em: 27/04/2022

_____. **"O que é ser mulher negra?" Especial Dia Internacional da Mulher"** 1 vídeo (8:13) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mG-ZCTf6BI8s Acesso em: 27/04/2022

_____. **"O racismo é perigoso na educação das crianças"** 1 vídeo (5:09) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KZGNu4NcWLs Acesso em: 27/04/2022

_____ **CABELO é RESISTÊNCIA!** 1 vídeo (3:49) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VWamJXXWU3Q Acesso em: 27/04/2022

_____ **ENTENDA a IMPORTANCIA das COTAS!** 1 vídeo (4:46) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SwN4ndBFaPg Acesso em: 27/04/2022

_____. **"Racismo no Esporte"** 1 vídeo (4:17) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pEsLRcR7zFA Acesso em: 27/04/2022

_____. **"Especial dia do trabalho"** 1 vídeo (7:17) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Agx_1KYSHU Acesso em: 27/04/2022

_____. **"Mulheres NEGRAS no PODER"** 1 vídeo (3:52) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ezFMDrWue0 Acesso em: 27/04/2022

_____. **"ENTENDA o MITO da DEMOCRACIA RACIAL"** 1 vídeo (8:35) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d775DrTsgqM&t=435s

Acesso em: 27/04/2022

. **"Você está sendo RACISTA e não sabe"** 1 vídeo (1:52) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A-Ohd0Hrjms Acesso em: 27/04/2022

. **Falta REPRESENTATIVIDADE NEGRA na TV!** 1 vídeo (6:14) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9MhGeefxV7c Acesso em: 27/04/2022

.**"O RACISMO de CADA DIA"** 1 vídeo (7:52) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y5u-VzjiMDk Acesso em: 27/04/2022

.**"EDUCAÇÃO PRETA de qualidade"** 1 vídeo (4:56) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QC5l6iqd2SU Acesso em: 27/04/2022

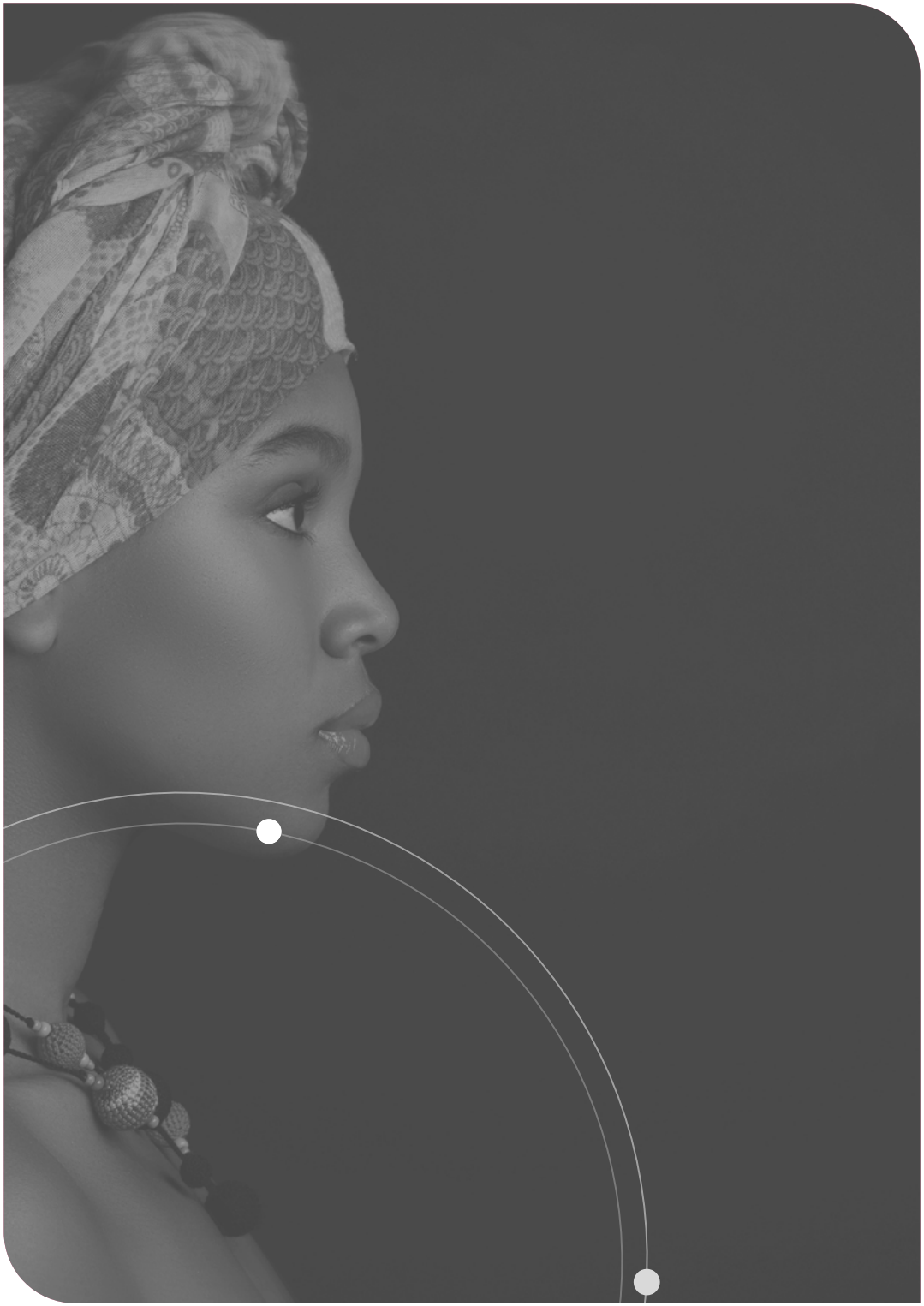
GE. **FORMIGA É A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NAS OLIMPÍADAS | Fala Muito!** | SporTV 1 vídeo (1:51) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u-cawbeXH9M Acesso em: 27/04/2022

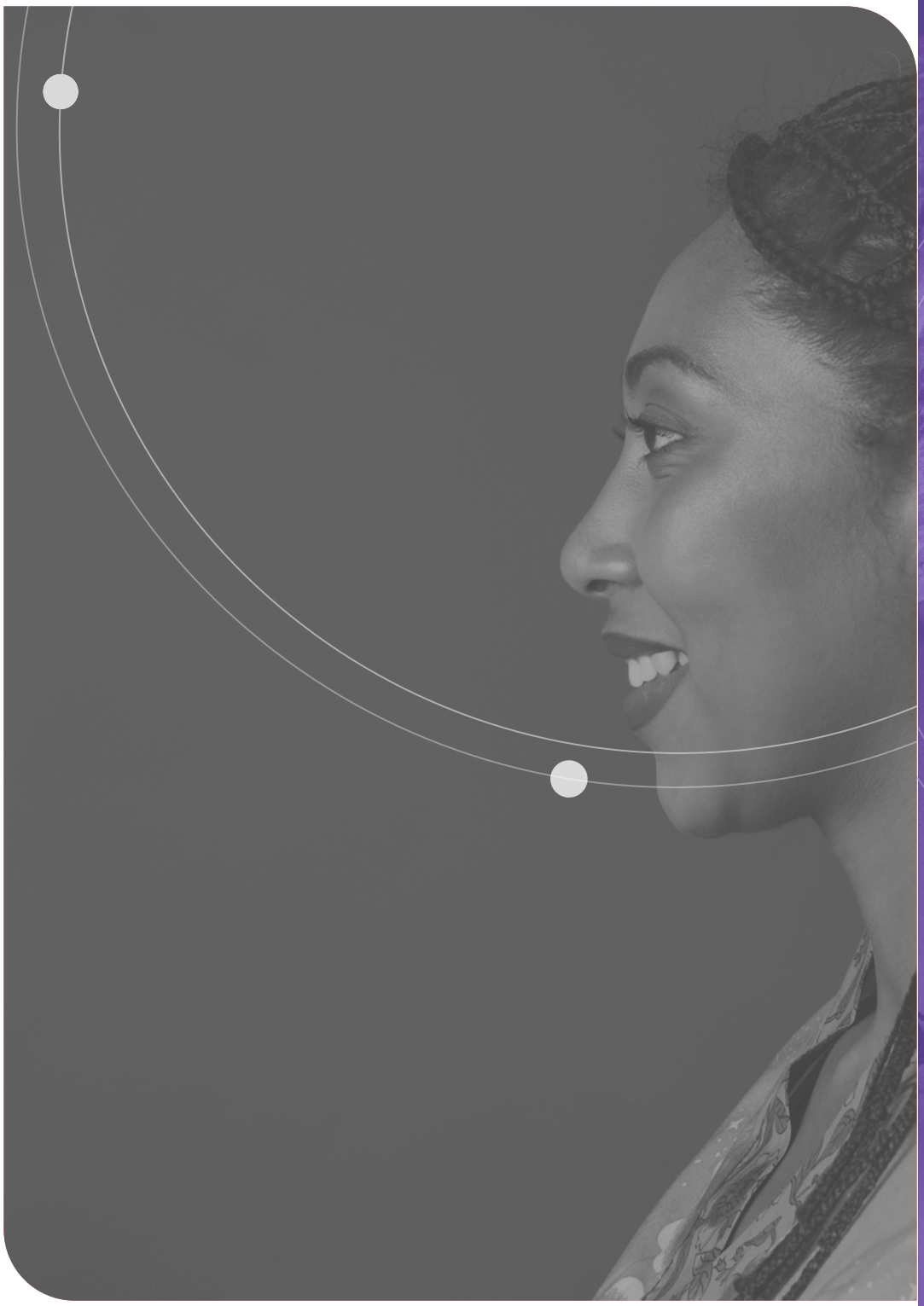
MURO PEQUENO. **O que é privilégio?** 1 vídeo (17:22) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NslqzrbgJjs&t=425s Acesso em: 27/04/2022

NORITMOBLACK. **A História de Dona Ivone Lara.** 1 Vídeo (04:20) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=duQprRbkH1Q Acesso em: 27/04/2022

PRODUTORADEFILMESTAKEATAKE. **Curta Metragem "Dúdú e o Lápis Cor da Pele"** 1 vídeo (19:03) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U Acesso em: 27/04/2022

SALONLINEBRASIL. **Elimine expressões racistas do seu vocabulário.** 1 vídeo (13:25) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-VyKXaG-GHs Acesso em: 27/04/2022





UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA

meninas empoderadas pelo esporte

Um programa de

ONU MULHERES

International Olympic Committee

Parceira implementadora

EMPODERA